

MESTRADO EM TEMAS DE PSICOLOGIA

Leituras de género e feministas interseccionais: histórias de vida de mulheres 65+ de Alagoas

Maria Mariana Gaia de Aquino Meneses Dias

M

2021



Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Leituras de género e feministas interseccionais: histórias de vida de
mulheres 65+ de Alagoas**

Maria Mariana Gaia De Aquino Meneses Dias

Outubro, 2021

Dissertação apresentada no Mestrado em Temas de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Sara Isabel Magalhães** (FPCEUP).

Avisos Legais

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

*“Eu apenas queria que você soubesse
Que aquela alegria ainda está comigo
E que a minha ternura não ficou na estrada
Não ficou no tempo presa na poeira
Eu apenas queria que você soubesse
Que esta menina hoje é uma mulher
E que esta mulher é uma menina
Que colheu seu fruto, flor do seu carinho
Eu apenas queria dizer a todo mundo que me gosta
Que hoje eu me gosto muito mais
Porque me entendo muito mais também
E que a atitude de recomeçar é todo dia, toda hora
É se respeitar na sua força e fé
E se olhar bem fundo até o dedão do pé
Eu apenas queria que você soubesse
Que essa criança brinca nessa roda
E não teme o corte das novas feridas
Pois tem a saúde que aprendeu com a vida...”*

Dedico este trabalho ao meu Pai (*in memoriam*),
que sempre sonhou com esse momento.

Agradecimentos

O percurso até aqui, apesar de em muitos momentos ter sido solitário e conturbado, tenho muito o que e a quem agradecer.

Aos meus pais, agradeço a educação apaixonada e justa que me deram.

Ao meu pai, Roberval Meneses Dias (in memoriam), agradeço por ter sido o meu primeiro e grande professor. Dele, herdei a inquietude, a necessidade de movimento, o senso crítico diante das desigualdades e o desejo de ser agente de mudanças.

À minha mãe, Luciana Gaia, agradeço pelas orações e pelo amor dedicado. Agradeço a autonomia e a liberdade que sempre me deu para trilhar meu próprio caminho, e nesse sentido, agradeço o incentivo e o apoio incansável em cada decisão e escolha. Obrigada pelas inúmeras vezes que me enxergou melhor do que eu sou. Você é o meu abrigo e o meu alicerce, estando longe ou perto.

À minha avó materna, Benedita Siqueira, agradeço o exemplo de força, coragem e independência. Agradeço o amor maternal, acolhedor e compreensivo, que lhe permitiu acreditar em mim e no meu caminho mesmo quando não entendia meus passos. A certeza do seu apoio me dá a segurança necessária para seguir adiante.

À minha avó paterna, Benedita Meneses, agradeço o exemplo de resiliência, generosidade e alegria. Seu riso solto, apesar das grandes perdas da vida, sempre me inspirou. Obrigada por ter sempre a porta da casa e do coração abertas para mim. A certeza do seu amor me sustenta.

À minha família, agradeço a cada um que, ao seu modo, torce por mim.

À professora Dra. Sara Isabel Magalhães, agradeço a paciência, disponibilidade e generosidade acadêmica ao trilhar esse caminho comigo.

Às mulheres que pacientemente contribuíram com essa investigação, muito obrigada pela partilha sincera das suas vivências, memórias e emoções, e por ajudarem na construção deste trabalho, que não seria possível sem o vosso contributo.

À minha “amiga irmã” *Catarina Belmar*, agradeço sua escuta, atenção, paciência e incentivo quando eu mais precisei. Obrigada pela família portuguesa que me deste e pela certeza de que poderei sempre contar com a sua amizade.

À *Alexandre Kuszer* e *Caroline Machado*, amigos que o mestrado me deu, minha gratidão por terem tornado essa trajetória mais leve. À *Carol*, em especial, agradeço as inúmeras conversas de confissão, de partilha dos sentimentos em comum que acessamos na construção dos nossos trabalhos.

Ao *Bem*, meu filho de quatro patas, que literalmente embarcou comigo para viver essa jornada em Portugal, agradeço o companheirismo e o amor que transborda. Sua companhia essencial é, inclusive, um antídoto para lidar com as saudades dos que estão longe.

À Deus por ter-me fortalecido e permitido viver essa realização. À Maria Santíssima, agradeço a intercessão e proteção de sempre.

A todos, sem exceção, que cruzaram meu caminho desde o processo seletivo desse mestrado até a finalização desse ciclo, muito obrigada. Idas, vindas, contratos, inícios, rompimentos, suportes, críticas, pausas, chegadas e partidas; tudo isso e todos os envolvidos nesses processos, também me trouxeram até aqui. Nos últimos dois anos, enquanto construía esse trabalho, escrevia também as páginas da minha vida que agora me sinto livre para viver.

Resumo

Acompanhando a tendência mundial, verifica-se no Brasil um crescimento demográfico da população mais velha. Nesse grupo etário, há a predominância de mulheres. Género e idade são dimensões fundantes de análise da vida social e expressam relações básicas por onde se (entre)tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias.

Esta pesquisa se objetiva em investigar e compreender os elementos que fundamentam uma análise de género no processo de envelhecimento. Para isso, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com 7 mulheres com idades compreendidas entre 68 e 79 anos, residentes do estado brasileiro de Alagoas. As entrevistas contaram com um guião semiestruturado e foram gravadas através de videoconferência pela plataforma ZOOM. Os dados foram submetidos à análise temática (Braun & Clarke, 2006), a partir da qual se construíram seis temas principais e dez subtemas, tendo como organizador central Perspetivas de Género na Análise do Envelhecimento, que originou a seguinte estrutura: o tema Trajetória Profissional subdivide-se em: Ocupação Profissional e Reforma; o tema Relações Familiares contém dois subtemas: Restrições na Família de Pertença e Rede de Apoio na Velhice; o tema Autoimagem e a Visão dos Outros, abrange: Estereótipos Sociais e Autoperceção; o tema Os Sentimentos do Envelhecimento não subdividiu-se; o tema Classificações Etárias e Valores Atribuídos possui dois subtemas: Diálogo Intergeracional e A Imagem da Juventude; e o tema (Não) Identificação com o Movimento Feminista, envolve: Pautas Específicas das Mulheres Mais Velhas e A Falta de Representação na Esfera Pública.

A análise permitiu constatar que a passagem da mulher à velhice é marcada por uma série de eventos associados a perdas, como o abandono pelos filhos, a viuvez, o conjunto de transformações físicas e a desintegração da sociedade. Observou-se que o aumento da expectativa de vida é um avanço, mas também tem se traduzido em perigo, em risco e ameaça à reprodução da vida social, principalmente para as mulheres. Por último, são apresentadas as limitações desta investigação, bem como algumas sugestões para futuros estudos.

Palavras-chave: Mulher, envelhecimento, vivências, autoperceções, esfera pública.

Abstract

Following the global trend, in Brazil there is a demographic growth of the older population. In this age group, there is a predominance of women. Gender and age are fundamental dimensions of the analysis of social life and express basic relationships through which subjectivities, identities and trajectories are (between) weaved.

This research aims to investigate and understand the elements that underlie a gender analysis in the aging process. For this, individual semi-structured interviews were carried out with 7 women aged between 68 and 79 years, residents of the Brazilian state of Alagoas. The interviews had a semi-structured script and were recorded via videoconference using the ZOOM platform. The data were subjected to thematic analysis (Braun & Clarke, 2006), from which six main themes and ten subthemes were built, having as central organizer Gender Perspectives in Aging Analysis, which originated the following structure: the Professional Trajectory theme it is subdivided into: Professional Occupation and Retirement; the Family Relations theme contains two sub-themes: Restrictions on the Belonging Family and Support Network in Old Age; the theme Self-Image and the View of Others, covers: Social Stereotypes and Self-Perception; the theme The Feelings of Aging was not subdivided; the theme Age Ratings and Assigned Values has two sub-themes: Intergenerational Dialogue and The Image of Youth; and the theme (No) Identification with the Feminist Movement involves: Specific Agendas for Older Women and Lack of Representation in the Public Sphere.

The analysis showed that the passage of women to old age is marked by a series of events associated with losses, such as abandonment by children, widowhood, a set of physical transformations and the disintegration of society. It was observed that the increase in life expectancy is an advance, but it has also translated into danger, risk and threat to the reproduction of social life, especially for women. Finally, the limitations of this investigation are presented, as well as some suggestions for future studies.

Keywords: Woman, aging, experiences, self-perceptions, public sphere.

Résumé

Suivant la tendance mondiale, au Brésil, il y a une croissance démographique de la population âgée. Dans cette tranche d'âge, il y a une prédominance des femmes. Le genre et l'âge sont des dimensions fondamentales de l'analyse de la vie sociale et expriment des relations fondamentales à travers lesquelles se tissent subjectivités, identités et trajectoires.

Cette recherche vise à étudier et à comprendre les éléments qui sous-tendent une analyse de genre dans le processus de vieillissement. Pour cela, des entretiens individuels semi-directifs ont été réalisés avec 7 femmes âgées entre 68 et 79 ans, résidentes de l'état brésilien d'Alagoas. Les entretiens avaient un script semi-structuré et ont été enregistrés par vidéoconférence à l'aide de la plateforme ZOOM. Les données ont été soumises à une analyse thématique (Braun & Clarke, 2006), à partir de laquelle six thèmes principaux et dix sous-thèmes ont été construits, ayant comme organisateur central les perspectives de genre dans l'analyse du vieillissement, qui a donné naissance à la structure suivante: le thème de la trajectoire professionnelle il est subdivisé en: Occupation Professionnelle et Retraite; le thème Relations familiales contient deux sous-thèmes: Restrictions dans l'appartenance à la famille et réseau de soutien dans la vieillesse; le thème Image de soi et regard sur les autres couvre: Stéréotypes sociaux et perception de soi; le thème Les sentiments du vieillissement n'a pas été subdivisé; le thème Classifications d'âge et valeurs attribuées comporte deux sous-thèmes: le dialogue intergénérationnel et l'image de la jeunesse; et le thème (Non) Identification avec le mouvement féministe implique: Programmes spécifiques pour les femmes âgées et manque de représentation dans la sphère publique.

L'analyse a montré que le passage des femmes à la vieillesse est marqué par une série d'événements associés à des pertes, tels que l'abandon par les enfants, le veuvage, un ensemble de transformations physiques et la désintégration de la société. Il a été observé que l'augmentation de l'espérance de vie est une avancée, mais elle s'est aussi traduite en danger, risque et menace pour la reproduction de la vie sociale, notamment pour les femmes. Enfin, les limites de cette enquête sont présentées, ainsi que quelques suggestions pour de futures études.

Mots-clés : Femme, vieillissement, expériences, perceptions de soi, sphère publique.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Résumé.....	vii
Índice.....	viii
Introdução	1
Enquadramento Teórico	3
1.1. O Processo de Envelhecimento	3
1.2. Envelhecer no Brasil.....	7
1.3. Género na Análise do Envelhecimento	9
Metodologia	18
2.1 Objetivos de investigação	18
2.2 Participantes.....	18
2.3 Metodologia de recolha de dados	19
2.4 Metodologia de análise de dados	20
Análise e Discussão de Resultados	22
3.1 Trajetória Profissional	23
3.2 Relações familiares	27
3.3 Autoimagem e a visão dos outros.....	31
3.4 Os sentimentos do envelhecimento	33
3.5 Classificações etárias e valores atribuídos.....	35
3.6 (Não) identificação com o movimento feminista	38
3.7 Considerações Finais	44
Conclusão	46
Anexos.....	55
Anexo 1. Guião De Entrevista	56
Anexo 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	59

Introdução

Tal como ocorreu nos países europeus e na América do Norte, o Brasil apresenta um crescimento demográfico da população mais velha. Nesse segmento populacional, as mulheres são maioria e, embora haja uma tentativa de homogeneizar a experiência do envelhecimento entre homens e mulheres, Sarmiento (2016) afirma as pesquisas feministas podem contribuir para a elucidação de eixos discursivos em que as desigualdades de género estão construídas, reproduzidas e ratificadas. Proposta uma análise da condição social atual de ser velho, não há como fazê-la sem esse conhecimento sobre os diferenciais de género (Da Motta, 1999).

Frequentemente a velhice está associada a decaimento e inutilidade, o que resulta em desvalorização social. Desintegrada da sociedade, cada vez mais à margem, a pessoa idosa parece não ter condições de ocupar papéis sociais que possa mantê-la como sujeito e continuar sendo reconhecida como cidadã. Debert (2011) afirma que, por um lado, assistimos a uma socialização progressiva da gestão da velhice, por muito tempo considerada como própria da esfera privada e familiar. Por outro lado, faz parte desse movimento de socialização o que a antropóloga denominou de processos de reprivatização, que transformam a velhice em responsabilidade individual e, nestes termos, ela poderia desaparecer do nosso leque de preocupações sociais. A autora ressalta que a visibilidade conquistada por experiências inovadoras e bem-sucedidas relacionadas com a reprivatização do envelhecimento, fecha o espaço e os olhos da sociedade para as situações de abandono e maus-tratos.

As primeiras perspetivas dos estudos da gerontologia consideravam que os problemas enfrentados pelas pessoas idosas eram tão prementes e semelhantes que minimizavam as diferenças em termos de etnicidade, classe, género e religião (Debert 2011). A hipótese que considerava a velhice como uma experiência homogénea, foi revista, e as pesquisas sobre o tema demonstravam que alguns aspectos davam à experiência de envelhecimento conteúdos distintos que mereceriam investigação. Nos últimos anos, no Brasil, temos acompanhado um aumento gradativo do interesse académico e ativista pela análise das relações de género e sexualidade com ênfase no envelhecimento. Novos recortes passam a ser propostos nas investigações para abranger as mudanças da sociedade brasileira contemporânea. Nesse trabalho, a feminização da velhice não é compreendida apenas por uma perspetiva demográfica, pelo contrário, o

dado demográfico robustece a necessidade de investigações que possam melhor compreender como o envelhecimento feminino se comporta.

Analisar as formas de gestão da velhice é procurar compreender, segundo Touraine (1986, p. 12), “o emprego que uma coletividade humana faz de seu bem mais precioso: a vida humana [...] não se fala na velhice sem se falar na aposentadoria, na doença, na família, no Estado”. Observa-se uma mudança na estrutura e dinâmica populacional, com a progressiva ampliação do contingente de pessoas com idades superiores a 60 anos. Este processo tem reflexos importantes para a vida social, em particular para as mulheres, e impõe desafios à ação pública do Estado (Brasil, 2004).

A presente pesquisa está dividida em quatro secções: enquadramento teórico, metodologia, análise e discussão de resultados e conclusões. O enquadramento teórico aborda as questões ligadas ao género e a idade/geração como elementos de análise da vida social, que atuam como construtores de diferenças, onde se enquadram os papéis sociais de género, os estereótipos sociais, as desigualdades e discriminação a eles associados, dando ênfase a realidade brasileira. Na secção da metodologia é feita a caracterização das participantes e a apresentação das escolhas metodológicas de recolha e análise dos dados. Na terceira secção, resultados e discussão apresentam-se os temas e subtemas que surgiram da análise e discutem-se os seus elementos, com excertos dos dados obtidos das narrativas das idosas entrevistadas. Por fim, são expostas as conclusões a que se chegou este trabalho, bem como as implicações práticas, limitações e sugestões para futuros estudos.

Enquadramento Teórico

1.1. O Processo de Envelhecimento

Nas últimas décadas observou-se um fulgente processo de envelhecimento demográfico. A Organização das Nações Unidas (ONU) considera o período de 1975 a 2025 a Era do Envelhecimento. De acordo com a ONU, nos países em desenvolvimento, esse envelhecimento populacional foi ainda mais significativo atingindo a marca de crescimento em 123%, enquanto nos países desenvolvidos, no período de 1970 a 2000, o crescimento observado foi de 54%. A preocupação da sociedade com o processo de envelhecimento deve-se, sem dúvida, ao facto de a pessoa idosa corresponder a uma parcela da população cada vez mais representativa de um ponto de vista numérico.

O duplo envelhecimento da população repercutiu e continua a repercutir um desequilíbrio entre o peso relativo das diferentes gerações, e poderá estar na origem de graves problemas nas diferentes esferas da estrutura social, económica, política e cultural da sociedade. Uma vez que a pessoa idosa possui exigências específicas para obtenção de adequadas condições de vida, estas fizeram da velhice um tema privilegiado de investigação nas distintas áreas de conhecimento, elevando substancialmente o volume de obras publicadas nos últimos tempos (Pimentel, 2001).

Ainda de acordo com Pimentel (2001), os fatos que cercam a velhice, assim como qualquer outro fenómeno da realidade, são infinitamente mais ricos e mais complexos do que o discurso científico sobre eles, e de que qualquer modelo ou teoria é eficaz à medida que efetua a aproximação entre o fenómeno investigado e a realidade na qual se insere, pode-se inferir que aquelas obras que priorizam determinado aspeto da velhice, seja ele biológico/comportamentalista, económico ou sociocultural, apresentam maior probabilidade de se distanciar da complexidade dos fatos que cercam o processo de envelhecimento.

A velhice não é vista, nem vivida, de maneira unânime, portanto implica reconhecer suas múltiplas representações sociais. Debert (2011) afirma que as diversas formas de nomear a velhice e os significados que tais nomes ganham em diferentes períodos históricos dão o ponto de partida à reflexão sociológica sobre a construção histórica e social da velhice. Assim, se estabelece uma distinção entre um fato universal e natural, o ciclo biológico, que envolve o nascimento, o crescimento e a morte e um fato

social e histórico, que é a variabilidade da forma pela qual o envelhecimento é concebido e vivido.

“Tratar da velhice, dessa perspectiva, é buscar acessos privilegiados para dar conta de mudanças culturais nas formas de pensar e de gerir a experiência cotidiana, o tempo e o espaço, as idades e os gêneros, o trabalho e o lazer, analisando, de uma ótica específica, como uma sociedade projeta sua própria reprodução.” (Debert, 1999, p. 13)

A idade é, além de uma realidade física e biológica, uma convenção sociocultural, em que cada etapa do desenvolvimento do sujeito o reposiciona em papéis sociais específicos. Valores e expectativas também são definidos e redefinidos ao longo desse processo. A idade se solidifica sobre a percepção que tem o sujeito do mundo e sobre sua própria definição enquanto sujeito que interage com este mundo, bem como sobre a sua percepção de poder sobre si mesmo, sobre os outros e sobre os acontecimentos.

Segundo Tap (1985), o sujeito constrói seu lugar, toma suas posições na sociedade a partir da apropriação da cultura, isto é, do que é proposto pela sociedade a qual pertence. Ter uma identidade é se perceber enquanto pessoa com um conjunto de características relativamente integradas, estáveis e constantes no tempo, o que implica unicidade e permanência. Berger e Luckman (1973) referem-se ao processo de construção da identidade como tendo duas faces: a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada.

Quando falamos de pessoas idosas, a análise deve ser mais profunda, já que além do comprometimento gradativo de suas capacidades físicas, da maior probabilidade de terem sofrido perdas afetivas, elas são obrigadas a enfrentar o estigma social da velhice e todas as consequências que essa representação traz. Souza (1994) afirma que, no momento em que a dinâmica da reorganização da identidade entra em jogo, o sujeito deve se confrontar com a recusa coletiva da velhice. Para a autora, se a identidade pessoal se constrói no jogo das relações sociais, uma representação social negativa do grupo ao qual o sujeito pertence poderá fazer eclodir uma representação negativa de si mesmo. Por consequência, pode-se supor que uma representação negativa da velhice atinge, certas dimensões da identidade pessoal, tais como: valor, autonomia e poder.

Frequentemente a velhice está associada a decaimento e inutilidade, o que resulta em desvalorização social. Desintegrada da sociedade, cada vez mais à margem, a pessoa idosa parece não ter condições de ocupar papéis sociais que possa mantê-la como sujeito e continuar sendo reconhecida como cidadã. Marques (2011) destaca que em termos

gerais, parece existir uma representação mista das pessoas idosas que incorpora tanto traços negativos como positivos. Fernandes (2007, p. 49) afirma que “com frequência o idoso é remetido para segundo plano, deixando de ser reconhecido como membro de referência da família, de angariador de sustento, de conselheiro, de líder do agregado familiar. A perda da independência, o afastamento de amigos e colegas, a progressiva imobilização isolam continuamente o idoso”.

Bosi (1979) defende a tese de que a sociedade capitalista desarma a pessoa idosa, mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa. Para a autora, oprime-se a pessoa idosa por intermédio de mecanismos institucionais: a burocracia da aposentadoria e dos asilos; psicológicos: a tutela, a recusa do diálogo, o banimento e a discriminação; mecanismos técnicos: as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las; e mecanismos científicos: as “pesquisas” que demonstram a incapacidade e a incompetência social da pessoa mais velha.

Apesar dos estereótipos negativos e das desvantagens associadas a velhice serem amplamente difundidos, como afirma Reis (2012, p. 114), “é de seres humanos que estamos tratando”. São “pessoas que dedicaram suas vidas, suas atividades laborais e culturais, suas relações afetivas e amistosas a construção, manutenção ou transformação da sociedade” (Reis, 2012, p. 114).

Guita Grin Debert em seu livro “A reinvenção da velhice”, atenta-nos para um movimento de transformação da velhice em uma preocupação social. Segundo Debert (1999), por um lado, percebe-se uma socialização progressiva da gestão da velhice. Isso é facilmente visualizado ao olhar um pouco para trás e constatar que até muito recente o cuidado com a pessoa idosa era uma preocupação restrita ao âmbito familiar ou, no máximo, relegado às associações filantrópicas. Atualmente, porém, o que se nota é um conjunto de intervenções e orientações, muitas vezes contraditórias, implementadas pelo aparelho Estatal e/ou pela sociedade civil.

“Como consequência, tentativas de homogeneização das representações da velhice são acionadas e uma nova categoria cultural é produzida: os idosos, como um conjunto autônomo e coerente que impõe outro recorte à geografia social, autorizando a colocação em prática de modos específicos de gestão.” (Debert, 1999, p. 13-14)

Ainda de acordo com a antropóloga, um outro movimento é caracterizado pela imagem da velhice construída a partir da segunda década do século XIX, como uma etapa da vida marcada pela decadência física e ausência de papéis sociais. Apesar de causar a associação de uma

série de aspetos negativos e, consequentemente, prejudiciais à pessoa idosa, essa imagem foi um elemento fundamental para a legitimação de direitos sociais, como o direito à aposentadoria. Ao mesmo tempo, essa revisão dos estereótipos ligados a pessoa idosa traça um movimento contrário à socialização da gestão da velhice ocorrendo uma reprivatização dessa gestão.

Na medida em que a sociedade, de uma forma geral, provê recursos financeiros e intelectuais para a existência de uma terceira idade sã, a pessoa idosa decadente é vista como relapsa e culpada de sua própria decrepitude (Portal do Envelhecimento, 2019). Debert (1999) ressalta que a visibilidade conquistada por experiências inovadoras e bem-sucedidas relacionadas com a reprivatização do envelhecimento, fecha o espaço e os olhos da sociedade para as situações de abandono e maus-tratos.

Debert (2011) afirma que, por um lado, assistimos a uma socialização progressiva da gestão da velhice, por muito tempo considerada como própria da esfera privada e familiar, uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, ela se transforma numa questão pública. Por outro lado, faz parte desse movimento de socialização o que a antropóloga denominou de processos de reprivatização, que transformam a velhice em responsabilidade individual e, nestes termos, ela poderia desaparecer do nosso leque de preocupações sociais. Segundo a autora, com as novas representações gratificantes da terceira idade, ocorre uma dissolução dos problemas, que favorece a reprivatização do envelhecimento fechando-se o espaço para situações de abandono e dependência, nesse sentido, as perdas naturais do processo de envelhecimento passam a ser vistas como consequências negativas de suas escolhas quanto aos estilos de vida e consumo adotados. Nesse sentido, surge então a ideia de compensação através de experiências inovadoras e bem-sucedidas, capazes de contornar essas consequências.

É ilusório pensar que essas proposições são acompanhadas de uma atitude mais tolerante em relação à pessoa idosa. Pelo contrário, constata-se a valorização da juventude – que perde conexão com um grupo etário específico e se transforma em valor – que deve ser conquistado através das inúmeras oportunidades que o mercado dispõe para encobrir e disfarçar o declínio inevitável do corpo, que tanto resistimos em reconhecer e, por isso, encontramos maneiras cada vez mais sofisticadas de negar sua existência.

Os estudos mais recentes tentam afastar e combater os estereótipos negativos em torno do envelhecimento. Os gerontólogos têm buscado desconstruir a visão de que esta etapa da vida seria marcada apenas por perdas e prejuízos, e avançar na discussão e no

reforço de que as pessoas idosas podem ser “seres ativos, capazes de oferecer respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais que redefinem a experiência do envelhecimento” (Debert, 2013, p. 25). Segundo Debert (2011), as primeiras perspectivas dos estudos da Gerontologia consideravam que os problemas enfrentados pelas pessoas idosas eram tão prementes e semelhantes que minimizavam as diferenças em termos de etnicidade, classe, gênero e religião. A antropóloga destaca que a velhice era então pensada através da ideia de “*roleless role*” – a sociedade moderna não prevê um papel específico ou uma atividade para as pessoas mais velhas, abandonando-as a uma existência sem significado. Essa hipótese, que considerava a velhice como uma experiência homogênea, foi revista, e as pesquisas sobre o tema demonstravam que as clivagens socioeconômicas e outras diferenças davam à experiência de envelhecimento conteúdos distintos que mereceriam investigação.

1.2. Envelhecer no Brasil

Tal como ocorreu nos países europeus e na América do Norte, também no Brasil se verificou o crescimento demográfico da população mais velha. Nesse grupo etário, há a predominância de mulheres, mas pouco se fala disso de um ponto de vista que não seja estatístico/demográfico. O aumento do número de idosos também tem sido acompanhado por um acréscimo significativo nos anos de vida da população brasileira. A esperança de vida, que era em torno de 33,7 anos em 1950/1955, passou para 50,99 em 1990, chegou até 66,25 em 1995 e deverá alcançar 77,08 entre 2020 e 2025. Evidencia-se que o Brasil passou de um cenário de mortalidade próprio de uma população jovem para um panorama de enfermidades complexas e onerosas resultantes de países longevos (Oliveira & Veras, 2016). Verifica-se, a partir de então, uma mudança na estrutura e dinâmica populacional, com a progressiva ampliação do contingente de jovens, adultos, e das pessoas com idades superiores a 60 anos. Este processo tem reflexos importantes para a vida social, em particular para as mulheres, e impõe desafios à ação pública do Estado.

No que diz respeito especificamente à população feminina, o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizado em 2010, indica que a expectativa de vida das mulheres ultrapassa a dos homens, chegando, em 2009, a 77,01 anos (IBGE, 2010). Nesse trabalho, a feminização da velhice não é compreendida apenas por uma perspectiva

demográfica, pelo contrário, o dado demográfico robustece a necessidade de investigações que possam melhor compreender como o envelhecimento feminino se comporta. Viver mais não é garantia de viver melhor. Reforça-se aqui a ideia de que o envelhecimento é um processo particular para cada pessoa e, numa perspectiva de gênero, observa-se elementos em comum das vivências das idosas que merecem ser estudados para oferecer subsídios para o planejamento de políticas públicas voltadas a esse segmento da população, bem como à assistência a ele direcionada, com incentivo à promoção da saúde e reintegração social.

A pessoa idosa configura-se como um ator político, cujo critério de pertencimento a essa categoria é a idade cronológica. Sendo assim, as pessoas a partir de 60 anos, independentemente de seu gênero, suas crenças, características e necessidades próprias, foram transformadas em um “sujeito único” de direitos (Simões, 1998).

O Estado brasileiro reconheceu seu dever na proteção a pessoa idosa a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, que no art. 230, estabeleceu a responsabilidade do governo de proteger, assistir e amparar a pessoa idosa. Essa proteção especial culminou mais a frente, em termos infraconstitucionais, a instituição da Lei nº 8.842/1994, da Política Nacional do Idoso (PNI), e do Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003, que são as principais leis ordinárias de proteção da pessoa idosa em vigor no país. A PNI (Brasil, 1994), nasceu com concepção avançada para sua época e, até hoje, suas diretrizes são consideradas bem atuais. Esta Política também sofreu influência das discussões nacionais e internacionais sobre a questão do envelhecimento. A ideia do Estatuto do Idoso (Brasil, 2003) despontou, de certa forma, da crítica à falta de efetividade de diretrizes anteriormente previstas. A sua aprovação foi possível graças à articulação de entidades civis e de intensa mobilização do movimento social dos idosos. O documento legal conta com 118 artigos sobre as áreas dos direitos e das necessidades de proteção dos idosos.

Embora tenha havido avanço no que se refere a previsão legal de proteção aos direitos, o que ocorre é que, transcorridas mais de duas décadas, as políticas públicas para o envelhecimento ainda não foram efetivadas. Muito embora, em tese, a letra fria da lei seja exemplar, a realidade é que ela não conseguiu ser aplicada em sua totalidade. Além de diretrizes básicas não serem cumpridas na maioria dos estados brasileiros, o atual Governo Federal constitui grande ameaça a direitos já conquistados por essa parcela da população.

Evidencia-se uma dívida do Estado com esse segmento populacional, que como consequência gera a necessidade das famílias se responsabilizarem pelos cuidados com a pessoa idosa na sua esfera privada.

A velhice, reprivatizada, pode desaparecer do leque das preocupações sociais e, isto acontecendo, as fases mais avançadas da vida passam a ser um problema das famílias ou dos próprios velhos que não souberam cultivar o carinho e a solidariedade familiar. A velhice avançada passa então a ser um problema das famílias e sabemos que colocar a responsabilidade na família é interpelar mais uma vez as mulheres para a tarefa de cuidado (Debert, 2013).

As políticas públicas vigentes no Brasil foram formadas pelos planos escondidos baseados na ideologia de serviços privados em vez de públicos e compromisso com papéis tradicionais de gênero. Enquanto o país ignorar as necessidades de uma larga proporção da nossa população e enquanto os benefícios da nossa sociedade forem distribuídos com base na raça, sexo, idade e classe, muitos cidadãos não viverão bem.

“A gerontologia brasileira e, em particular, as políticas públicas voltadas para esse segmento da população contemplam os jovens idosos com programas para a terceira idade e tendem a tornar invisíveis os dramas que caracterizam os estágios mais avançados do envelhecimento.” (Debert, 2013, p. 31).

Debert (1999) afirma que uma parafernália de receitas envolvendo técnicas de manutenção corporal, comidas saudáveis, medicamentos e outras formas de lazer são propostas, desestabilizando expectativas e imagens tradicionais associadas a homens e mulheres em estágios mais avançados da vida. A pessoa idosa, vista como um consumidor que falhou, ganha concretude em um contexto em que vigoram as concepções auto preservacionistas do corpo, as quais encorajam os indivíduos a adotarem estratégias instrumentais para combater a deterioração e a decadência.

1.3. Gênero na Análise do Envelhecimento

Nos últimos anos, no Brasil, temos acompanhado um aumento gradativo do interesse acadêmico e ativista pela análise das relações de gênero e sexualidade com ênfase no envelhecimento. Para Debert e Henning (2015) nas reflexões teóricas que se debruçam sobre gênero, curso da vida e envelhecimento nas últimas décadas, é possível constatar, em termos gerais, uma forte tentação de tornar uma oposição binária um dado, um estado

da natureza, remetendo a uma suposta condição feminina universal, a hipotética universalidade da condição da velhice. Segundo os autores, desta perspectiva, a teorização segue caminhos diversos, fechando o debate num círculo sem saída.

De acordo com Debert, Simões e Henning (2017) a perspectiva que tem orientado a maioria desses trabalhos, entretanto, é a de que grupos sociais distintos se adaptam diferencialmente à experiência comum de envelhecimento e a tarefa então passa a ser a de propor explicações para as diferenças constatadas. No que diz respeito a género e envelhecimento, a tendência das pesquisas que enfatizam os fatores psicológicos na velhice é a de considerar que a androginia caracterizaria as etapas mais avançadas da vida. Dessa forma, papéis sociais, valores e atitudes considerados tipicamente masculinos ou femininos tenderiam a se misturar na velhice. Ou ainda, o envelhecimento envolveria uma “masculinização das mulheres” e uma “feminização dos homens”, de forma que as diferenças de género se dissolveriam na “normalidade *unissex* da idade avançada”. Para confrontar a tentativa de homogeneizar a experiência do envelhecimento entre homens e mulheres, Sarmiento (2016) afirma que as pesquisas feministas podem contribuir para a elucidação de eixos discursivos em que as desigualdades de género estão construídas, reproduzidas e ratificadas.

A muitos níveis, envelhecer é um problema feminista. No bem-estar social e económico das mulheres que estão a envelhecer, vemos a interação do envelhecimento, sexismo e racismo. A única pessoa com menos apoio e proteção que uma mulher branca a envelhecer é uma mulher negra a envelhecer. Cabe ressaltar que as diferenças entre as próprias mulheres também são apresentadas, como, por exemplo, a maior expectativa de vida para as mulheres brancas do que para as mulheres negras, que são mais acometidas por doenças específicas, tais como anemia falciforme. Como veremos posteriormente, a inclusão de uma perspectiva interseccional no Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM) está presente na maior parte das questões e apresenta reflexões importantes sobre as diferentes formas de experimentar situações de opressões entre as próprias mulheres.

A discriminação laboral, o trabalho não-remunerado e o viés sexista na redistribuição salarial tornam as mulheres ainda mais vulneráveis. A velhice, como as categorias etárias, étnicas, raciais ou de género, é uma forma de segmentar e classificar uma população, mas também de construir uma hierarquia entre diferentes segmentos assim constituídos (Debert, 2011).

À medida que as mulheres envelhecem, a viuvez e uma vida na pobreza ou perto da pobreza tornam-se mais prováveis. A maioria das mulheres velhas e pobres são viúvas, divorciadas, ou nunca se casaram. As raízes da feminização da pobreza na velhice nas nossas estruturas sociais e económicas são muitas. Muito do “trabalho das mulheres” não tem sido pago e, assim, não tem benefícios de reforma. Mulheres trabalhadoras têm sido menos bem pagas para o mesmo trabalho, e têm sido mantidas em trabalhos de baixa-remuneração em um mercado de trabalho duplo que limita as oportunidades, e têm interrompido carreiras com obrigações e responsabilidades de gravidez.

Para alguns autores, como mostra Debert (1999), na velhice, as mulheres experimentariam uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso somado de dois tipos de discriminação, como mulher e como idosa. Sendo a mulher, na maioria das sociedades, valorizada quase exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado com as crianças, sua passagem à velhice seria marcada por desprezo, desvalorização e desdém.

“Essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria marcada por uma série de eventos associados a perdas, como o abandono pelos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a esse conjunto de perdas se deve somar o subemprego, os baixos salários, o isolamento e a dependência que caracterizariam a condição das mulheres de mais idade.” (Debert, 2013, p.19)

Na nossa sociedade, a capacidade de produção de um indivíduo no mercado torna-se o único método legítimo através do qual é possível reclamar benefícios sociais. Assim, mulheres que tenham tido menos oportunidades de participação no mercado receberão menos benefícios. É importante ressaltar que muitas dessas mulheres serviram a sociedade e às suas famílias de alguma forma, entretanto, esse trabalho tende a ser invisível e não reconhecido.

A contenção em programas sociais federais e a transferência de recursos na balança económica agrava ainda mais a situação. Cortes em serviços de apoio para manter idosos nas suas casas ou em cuidados institucionais forçam cada vez mais familiares a assumir responsabilidades de cuidadores, esse movimento é o que a antropóloga Guita Debert denominou de reprivatização da velhice. A força tem sido direcionada para o cuidado familiar, mas “família” é um eufemismo para mulher, e cuidado comunitário com as pessoas idosas depende principalmente na capacidade e vontade dos familiares femininos para providenciar esses cuidados.

Cuidar das crianças, dos doentes e de pessoas idosas, foi sempre visto como trabalho das mulheres, e a nossa sociedade conta com as mulheres para carregar o fardo do não investimento em cuidar. Quais são as implicações desta tendência? Quem tem pensado sobre a qualidade de vida desta população em expansão de mulheres mais velhas? É necessário questionar as estruturas sociais e económicas e os processos que têm trancado as mulheres na nesses papéis sociais desfavoráveis a sua existência.

Conforme o apoio público diminui e o custo de cuidados domésticos aumenta, cada vez mais a pessoa idosa, frágil, particularmente as mulheres, requerem o cuidado de outras mulheres – familiares não-remunerados ou mulheres negras exploradas. Como pode a injustiça, a desigualdade e a privação sentida pelas mulheres idosas e cuidadoras, ser aliviada? Onde estão os recursos para a mudança? Debert, Simões e Henning (2017) afirmam que alguns autores, no entanto, tendem a olhar com mais otimismo o envelhecimento feminino. A velhice feminina seria mais suave que a masculina, na medida em que a mulher não experimentaria uma rutura com relação ao trabalho tão violenta como a dos homens na aposentadoria. Os vínculos afetivos entre filhos e mães seriam mais intensos e por isso os filhos estariam mais dispostos a cuidar delas que de seus pais idosos. De acordo com os autores, os controlos sobre a mulher seriam afrouxados, posto que ela já não deteria a função de procriação e, mesmo nas sociedades em que são elas as transmissoras de herança, o controlo sobre a mulher seria sempre maior ao longo de sua vida jovem e adulta que na velhice. Habitadas a mudanças drásticas em seu organismo e em sua capacidade física por causa da procriação, da gravidez, da lactância e da menstruação, as mulheres teriam mecanismos que lhes permitiriam enfrentar melhor as transformações que ocorrem com o avanço da idade.

Ao contrário do que a gerontologia pregava inicialmente, já se considera que o processo de envelhecimento é um caminho, em partes, trilhado de maneira distinta entre os indivíduos e essa experiência é também pautada pelas categorias às quais o sujeito pertence. Da Motta (1999) afirma que numa perspetiva de idade/geração, ser jovem ou ser velho é uma “situação” vivida, em parte, homogeneamente e, em parte, diferencialmente segundo o género e a classe social dos indivíduos de cada grupo etário. A autora ressalta que, numa perspetiva de género, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho. Dessa forma, género e idade/geração são dimensões fundantes de análise da vida social. Expressam relações básicas, por onde se

(entre)tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias. Proposta uma análise da condição social atual de velho, não há como fazê-la sem esse conhecimento sobre os diferenciais de gênero e de classe social que a constituiriam internamente e lhe dariam específicos sentidos (Da Motta, 1999).

Debert (2013) ressalta que às imagens gratificantes da terceira idade e à conspiração do silêncio em relação às etapas mais avançadas da vida, é preciso agregar a ideia de sabedoria como mais um dos ingredientes que ajudam a compreender a barreira levantada entre os feminismos e a luta contra a discriminação dos velhos e que faz da velhice um “impensado” do feminismo, na expressão de Lagrave (2011).

“As imagens do envelhecimento ativo – das mulheres felizes e entusiasmadas com os programas para a terceira idade – dão novos conteúdos e atualidade à conspiração do silêncio, tornando invisíveis os dramas da velhice avançada. O compromisso social é com um tipo determinado de envelhecimento positivo. A etapa mais sombria da velhice permanece um segredo.” (Debert, 2013, p. 32)

As mulheres idosas são um grupo populacional em expansão no Brasil e no mundo, mas apesar disso, o foco do movimento feminista está direcionado às pautas relacionadas às mulheres jovens. Pautas dos direitos reprodutivos, do aborto, do assédio sexual, do estupro, da alienação parental, do feminicídio, do direito ao trabalho, redivisão sexual do trabalho, inclusive o doméstico e o reprodutivo. Estas pautas são bandeira de lutas de todas as mulheres, mas precisam ser estendidas às lutas das idosas. O envelhecimento possui um forte componente de gênero (Lloyd-Sherlock, 2002).

Atualmente, o feminismo é um dos mais importantes movimentos políticos, entretanto dentre as questões já abrangidas, as mulheres idosas precisam assumir o lugar de fala na afirmação de seu protagonismo no movimento feminista. Germaine Greer, acadêmica australiana, ícone do feminismo, autora do livro “A mulher eunuco”, lançado em 1970, em uma entrevista à imprensa internacional sobre a omissão das feministas em relação à mulher idosa, descreveu o feminismo moderno como “elitista” e afirmou que a sociedade “não respeita” as mulheres mais velhas.

Como feministas, a maioria de nós já politizou praticamente tudo, menos o envelhecimento. Permanecemos incrédulas diante da imagem que, para nosso futuro, nos propõem as pessoas idosas. Como se este fosse um contexto do qual não pertencemos, nem pertenceremos. Antes de chegarmos “lá”, a velhice é coisa que só diz respeito aos outros. Dentre todas as realidades, a velhice talvez seja aquela cuja noção puramente

abstrata mantemos durante maior lapso de tempo. Passamos da juventude para a maturidade sem tomarmos consciência disso.

“O feminismo, habitualmente, não enxerga os diferenciais de idade, as "localizações" das gerações na estrutura social e das pessoas no tempo, posições que gestam as relações entre as gerações. E que estas, do mesmo modo como aquelas, constituídas pelos já reconhecidos campos analíticos - gênero, raça e classe social - também são relações de poder. Como tais, não se realizam sem conflitos. Por aí devem ser também identificadas, e não apenas pela requerida e alternativa solidariedade.” (Da Motta, 2010, p. 239)

As mulheres que construíram esta jornada de lutas e que hoje são idosas, não se veem representadas nas pautas feministas contemporâneas.

“Não se pode explicar o desinteresse das feministas pela velhice apenas como uma consequência do medo de envelhecer, pela repulsa ao corpo envelhecido, própria do sexismo, ou pela glorificação da juventude que caracteriza a sociedade de consumo. O interesse aqui é mostrar que as imagens do envelhecimento bem-sucedido presentes no senso comum e na gerontologia, assim como a associação convencionalmente feita entre o avanço da idade e a sabedoria, criam barreiras difíceis de serem transpostas para que a velhice possa entrar no rol das questões centrais do pensamento feminista.” (Debert, 2013, p. 17)

É preciso reconhecer que as novas imagens relacionadas a velhice feminina, em uma tentativa de tornar a experiência gratificante e prestigiosa, segundo Debert (2013), aumentam a distância entre a luta contra a discriminação por idade e outros movimentos empenhados no combate às formas de opressão, emperrando o que poderia ser uma raiva sábia, capaz de promover articulações políticas, em particular quando imbuída da autoridade moral de homens e mulheres mais velhos. Da Motta (2010) provoca: “por que tanta dificuldade em se perceber a condição geracional e seus embates?”. É preciso quebrar a chamada por Beauvoir “conspiração do silêncio” do feminismo em relação à velhice. A ideia de um envelhecimento bem-sucedido que vem sendo difundida tem relativizado a necessidade de se falar sobre o que ainda não foi exposto em grandes dimensões, mas que é vivido pelas mulheres mais velhas. Continuar negando essa realidade não seria um reforço às formas de opressão? Será que a desconstrução da imagem da velhice como uma experiência somente amarga já foi o suficiente que já não se há mais o que questionar, o que discutir, o que lutar?

“Por que a velhice não é um tema das lutas feministas? Essa geração foi ativa em denunciar formas de discriminação, proclamar “meu corpo me pertence”, separar a sexualidade da reprodução, colocar em questão a hegemonia da heterossexualidade. Seria o feminismo um antídoto à velhice? Como então explicar o seu silêncio em relação a esse período da vida? Por que as enormes barreiras criadas para as mulheres

mais velhas no mundo do trabalho, nos padrões de beleza, na vida sexual, entre tantas outras formas de discriminação, não são objeto de reflexão pública e das militâncias dessas mulheres que foram tão ativas na crítica feminista?” (Debert, 2013, p. 18)

No Brasil, a reforma da previdência vai afetar as mulheres, aumentando o tempo de contribuição e a idade mínima para requerer a reforma. As mulheres vão ter que trabalhar mais e por mais tempo. Comprovadamente, a empregabilidade da pessoa idosa é mais difícil do que para os mais jovens e, dentre as pessoas idosas, a mulher é ainda mais prejudicada. Com a reforma proposta pelo governo, as mulheres pensionistas também serão afetadas, pois as pensões serão reduzidas. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o percentual de domicílios brasileiros comandados por mulheres saltou de 25%, em 1995, para 45% em 2018. Na faixa etária de 60+, quase 50% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres. Estas mulheres além de serem o suporte financeiro das famílias, em tempos de desemprego em alta, sustentam filhos, netos e são cuidadoras.

Devido à sua fragilidade diante do machismo, a mulher idosa, não raro, é submetida à violência física, psicológica e patrimonial, esta última, muitas vezes, por parte da própria família. A problemática que nos guia aqui diz respeito a uma possível despolitização das mulheres idosas enquanto sujeitas detentoras de direitos e, conseqüentemente, a ausência de um debate sobre gênero junto a este grupo específico bem como sobre as implicações das hierarquias de poder (Scott, 2005). O “nós” feminista tem seus propósitos, mas por vezes nega a complexidade da sua representação e acaba por excluir parte da clientela, que simultaneamente busca representar. Todavia, isso não pode ser motivo de desesperança.

“Nesse caso, a própria exclusão pode restringir como tal um significado inintencional, mas que tem conseqüências. Por sua conformação às exigências da política representacional de que o feminismo articule um sujeito estável, o feminismo abre assim a guarda a acusações de deturpação cabal da representação.” (Butler, 2017, p. 23)

A autora aponta que essa estabilidade nos impediria de pensar o sujeito como um devir permanente, como um processo ou uma promessa, e afirma: "Se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga" (Butler, 1998, p. 213).

“Não se pode "ser" uma célula ou uma molécula - ou mulher, pessoa colonizada, trabalhadora e assim por diante - se se pretende ver e ver criticamente desde essas posições. "Ser" é muito mais problemático e contingente. Além disso, não é possível realocar-se em qualquer perspectiva dada sem ser responsável por esse movimento. A visão é sempre uma questão do poder de ver - e talvez da violência implícita em nossas práticas de visualização. Com o sangue de quem foram feitos os meus olhos? Essas observações se aplicam também ao testemunho a partir da posição de um "eu". Não estamos imediatamente presentes para nós mesmos. O autoconhecimento exige uma tecnologia semiótica-material relacionando significados e corpos. A auto-identidade é um mau sistema visual. A fusão é uma má estratégia de posicionamento.” (Haraway, 1995, p. 21)

Se, por um lado, as jovens feministas se queixam de que determinadas lutas que lhes afetam diretamente não são tratadas em conjunto com as feministas históricas e mais velhas, como por exemplo, o turismo sexual, que afeta diretamente o segmento juvenil, por outro lado, as mulheres mais velhas não se sentem identificadas nas bandeiras levantadas pelas mulheres mais novas. Mas fato é que as mulheres mais velhas não aparecem onde deveriam. Nesse sentido, Hemmings (2005) alerta que há, portanto, um inegável perigo – o de ocorrer um empobrecimento do debate feminista na atualidade. A autora esclarece que não acredita que haja uma história comum que possa responder aos problemas do presente político do feminismo e afirma que só poderemos conhecer que tipo de história pode ser útil observando os múltiplos apagamentos (históricos e contemporâneos) do presente.

A responsabilidade feminista requer um conhecimento afinado à ressonância, não a dicotomias. Até quando se reconhece a existência de intersecções, geralmente, não se inclui nestas a faixa etária/idade. Isso indica o quanto as mulheres mais velhas estão à margem da sociedade e o quanto o movimento feminista ainda não lhes deu visibilidade. Eis aqui a promessa de objetividade: um conhecedor científico não procura a posição de identidade com o objeto, mas de objetividade, isto é, de conexão parcial. Quando pensamos em formas de tornar possível um envelhecimento saudável não estamos a fazer um favor as pessoas mais velhas, estamos, inclusive, a fazer um exercício crítico de autorreflexão e cidadania. Vale encarar o desafio de olhar e estranhar, observar e reconhecer, notar e reivindicar mudanças.

O feminismo, por definição, é um movimento social, político, e filosófico que tem como objetivo libertar e emancipar todas as mulheres, mas para compreender o feminismo, é importante entender e conhecer o movimento feminista além de experiências individuais e narrativas criadas pelo senso comum, pois estamos falando de

um movimento coletivo. Também convém registrar, ainda em caráter preliminar, que o feminismo é em si um fenómeno complexo e não há unificação nos discursos feministas (Schiebinger, 2001). Foram muitas as mobilizações feministas ao longo do tempo e, por mais que atualmente seja crescente o número de investigações a respeito dos movimentos feministas, não abrangem todas as realidades de mulheres que, ao longo da história, se propuseram a fazer resistência às normas que vinham sendo impostas.

Por séculos, mulheres têm falado abertamente sobre desigualdades enfrentadas por causa do seu sexo. No entanto, o “feminismo” como conceito só emergiu em 1837, quando o francês Charles Fourier teria usado pela primeira vez o termo *féminisme*. Em seu livro, “Teoria dos quatro movimentos”, o teórico defende que o avanço na conquista da liberdade para as mulheres é um pré-requisito no progresso de toda a sociedade. Facto é que a palavra foi adotada pelo Reino Unido e nos Estados Unidos ao longo das décadas seguintes, quando era usada para descrever um movimento que tinha como objetivo conquistar igualdade social, económica e legal entre os sexos, e terminar com o sexismo e a opressão às mulheres pelos homens.

Existem várias vertentes feministas oriundas dos diferentes objetivos e níveis de desigualdades ao redor do mundo. O desdobramento de suas ideias e objetivos continuou a moldar sociedades desde sua concepção e, por isso, se destaca como um dos movimentos mais importantes do nosso tempo – inspirando, influenciando e até surpreendendo conforme continua a se desenvolver. Analisar historicamente os feminismos, muitas vezes, significa adotar um discurso hegemônico que não reconhece as distinções das experiências enfrentadas por muitas mulheres nas diversas partes do globo (Ribeiro, Nogueira e Magalhães, 2021). Nesse sentido, é importante frisar que a intenção deste trabalho não é abordar as ondas feministas como a única forma para pensar os movimentos feministas brasileiros, mas por limitações da investigação, no que se refere a complexidade e o tempo exigido para mencionar aqui todos os movimentos que se tem nota, não será possível, entretanto, a perspectiva das ondas pode nos atentar para as condições de possibilidades que sinalizam a existência e a ampliação de um contrapoder nos períodos específicos de cada uma delas (Ribeiro, Nogueira e Magalhães, 2021).

Destaca-se que é imperativo ao movimento feminista conceber a existência de uma matriz colonial moderna cujas relações de poder são imbricadas em múltiplas estruturas dinâmicas sendo todas merecedoras de atenção política.

Metodologia

2.1 Objetivos de investigação

Essa investigação avançou na tentativa de dar mais visibilidade e voz as mulheres de mais idade, objetivando descrever e compreender os elementos das suas vivências no processo de envelhecimento, buscando perceber seus sentimentos e representações associados à velhice e como estes definem suas experiências.

Considerando a prevalência de mulheres na população idosa do Brasil, e a escassez de pesquisas relacionadas à mulher mais velha no Estado de Alagoas, e considerando ainda a importância de perceber o percurso do envelhecimento feminino para oferecer subsídios no planejamento de políticas públicas voltadas a esse segmento da população, verificou-se a relevância significativa da presente pesquisa.

2.2 Participantes

Participaram deste estudo sete mulheres com idades entre 68 e 79 anos. Todas as entrevistadas vivem no estado de Alagoas, no Brasil. A Tabela 1 apresenta alguns detalhes sobre a caracterização das participantes.

Uma parte das participantes em estudo foi selecionada por conveniência, através da rede de contactos pessoais da investigadora. Outra parte, foi referida e indicada por participantes. Dessa forma, foi utilizado uma ferramenta metodológica que denominamos de “métodos em cadeia” ou “método da bola de neve” (Fernandes & Carvalho, 2000). Este “método da bola de neve”, ocorre quando um indivíduo previamente localizado, nomeia outros que integrem os critérios previamente estabelecidos, facilitando assim o contacto entre o investigador e o próximo participante (Fernandes & Carvalho, 2000).

Após o estabelecimento do primeiro contacto, foi formalizado o pedido de colaboração, por via eletrónica e/ou via telefónica, onde se explicou brevemente em que se baseava o estudo e qual o seu objetivo. O fim do recrutamento aconteceu devido à saturação teórica, momento em que as entrevistas e os dados recolhidos alcançam um nível que mais entrevistas não acrescentariam informação relevante tendo em conta os objetivos da investigação (Fontanella, Ricas, & Turato, 2008), não iriam melhorar a qualidade da informação obtida e nem levariam a uma compreensão mais detalhada do fenómeno em estudo (Gaskell, 2002).

IDOSA	IDADE	ESTADO CIVIL	FILHOS	CIDADE	OCUPAÇÃO	REFORMADA
B.S.	70	Casada	Sim	Maceió	Enfermeira	Sim
E.A.	74	Casada	Sim	Santana do Ipanema	Professora do 1º ciclo do Ensino Básico	Sim
J.C.	75	Viúva	Sim	Santana do Ipanema	Educadora Social	Sim
M.L.	76	Casada	Sim	Maceió	Assistente Social	Sim
M.B.	68	Casada	Sim	Maceió	Assistente Social e Professora Universitária	Sim
S.C.	77	Divorciada	Não	Maceió	Assistente Social	Sim
T.S.	79	Solteira	Sim	Maceió	Assistente Social	Sim

Fonte: Dados obtidos.

2.3 Metodologia de recolha de dados

O método escolhido foi uma abordagem qualitativa, através de uma entrevista semiestruturada, uma vez que esta possibilita o acesso em profundidade das experiências e pontos de vista das pessoas (Tuner, 2010). A escolha deste método deu-se porque possibilita a compreensão do indivíduo como um ser social e contextualizado, integrado numa sociedade com história, valores, significados e intenções que constroem a subjetividade do ser humano (Aires, 2011). O método qualitativo permite o acesso aos significados presentes no discurso dos participantes, possibilitando assim a compreensão dos fenómenos (Godoy, 1995).

A condução das entrevistas foi orientada por um guião elaborado tendo em conta a literatura previamente revista. Este guião (Anexo 1) serviu como suporte para explorar as respostas às perguntas elaboradas, mas a entrevistadora teve a flexibilidade de colocar as questões da forma que melhor se adequou a cada entrevista. Na finalização, abriu-se espaço para informações adicionais tanto por parte da entrevistada como da entrevistadora. É nesta última fase que se aborda, também, a pessoa entrevistada sobre como se sentiu durante a entrevista e se fazem os devidos agradecimentos (Braun & Clarke, 2013).

As entrevistas realizaram-se através do Zoom Meetings, que é um programa de software de teleconferência de vídeo. Com o advento da Internet, a coleta de dados por meio de entrevistas on-line, baseadas no modelo das conversas cotidianas informais que também ocorrem on-line, se tornou um procedimento de pesquisa sério e viável (Da Costa, Romão & Di Luccio, 2009). Foi solicitada a cada uma das participantes a devida autorização para a gravação de áudio das mesmas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2). A duração média das entrevistas foi de 60 minutos. Posteriormente, foi realizada a sua transcrição *verbatim*. A transcrição foi fiel ao discurso oral, conferindo fidelidade e sobretudo respeito ao conteúdo captado e, mais concretamente, aos significados e percepções do discurso de cada participante, com o intuito de reter a essência dos “quês” e “porquês” das suas falas.

2.4 Metodologia de análise de dados

O método selecionado para analisar os dados obtidos foi a análise temática, uma metodologia de caráter qualitativo, que permite identificar, analisar e narrar padrões, organizando e descrevendo o conjunto de dados em detalhe (Braun & Clarke, 2006). A grelha de leitura tem presente uma perspetiva construcionista social, não essencialista/não positivista, na qual se destaca a importância das interações e linguagem, através da consideração dos significados pessoais como produzidos e reproduzidos socialmente (Burr, 1995). A abordagem qualitativa se propõe a compreender os fenômenos humanos com base em uma experiência concreta, vivenciada no cotidiano. De acordo com Sanches & Minayo (1993), ela trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. Neste trabalho, os processos de recolha e análise de dados aconteceram após pesquisa histórica e bibliográfica, o que torna a abordagem analítica adotada predominantemente dedutiva (Braun & Clarke, 2006).

A análise obedeceu às etapas orientadas por Braun e Clarke (2006, 2013). A primeira fase é a *Familiarização com os dados*, nesta, as entrevistas foram transcritas o mais fielmente possível, iniciando-se o envolvimento com os dados recolhidos. Este momento exigiu grande atenção aos dados por parte da investigadora, uma vez que esta familiarização inicial implica em todo o restante do processo de construção dessa investigação. Os dados foram lidos e relidos a fim de se encontrar os primeiros significados, registando-se as ideias iniciais. Após essa etapa, seguiu-se para a fase de

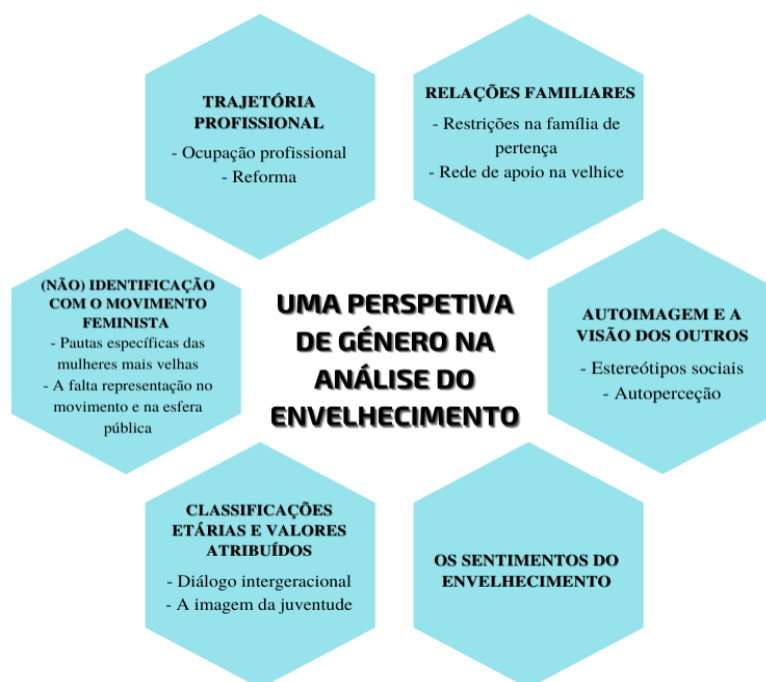
Produção dos códigos iniciais; aqui, foram registradas as ideias mais revelantes presentes nos dados, de acordo com a interpretação da investigadora, que compilou essas informações em códigos. Cada código representa uma característica dos dados que se afigurou interessante. Na terceira fase, *Pesquisa de temas*, agruparam-se os códigos, produzidos na fase anterior, em potenciais temas com significação mais ampla e abrangente. Após isso, na quarta fase, *Revisão dos temas*, cruzaram-se os temas identificados com os extratos codificados, permitindo a produção do mapa temático da análise (Figura 1). Na quinta etapa – *Definição e nomeação dos temas* – refinou-se as especificidades de cada tema, definindo e nomeando cada tema adquirido. A última etapa – *Redação do relatório* – consistiu na organização, redação e apresentação dos resultados em formato escrito, nesta fase, os extratos mais expressivos e atrativos foram escolhidos e procedeu-se à sua análise final.

Desta análise resultou a narrativa da história dos dados, construída a partir das experiências vividas pelas pessoas que participaram na investigação (Braun & Clarke, 2006, 2013), e embora estas fases tenham funcionado como linhas orientadoras da análise, não foram seguidas como regras rígidas, uma vez que esta deve ser feita de modo flexível e atendendo sempre à questão de investigação (Patton, 1990, cit in, Braun & Clarke, 2006).

Análise e Discussão de Resultados

Nesta secção são apresentados os resultados obtidos através das entrevistas realizadas as senhoras idosas, com a intenção de construir uma narrativa fluida que evidencie a relação entre as questões e os dados resultantes da investigação. Estes dados são discutidos e contextualizados com a literatura considerada pertinente. A partir da análise, identificaram-se seis temas e dez subtemas relacionados entre si. O organizador central é Perspetivas de Género na Análise do Envelhecimento, que originou a seguinte estrutura: o tema Trajetória Profissional subdivide-se em: Ocupação Profissional e Reforma; o tema Relações Familiares contém dois subtemas: Restrições na Família de Pertença e Rede de Apoio na Velhice; o tema Autoimagem e a Visão dos Outros, abrange: Estereótipos Sociais e Autoperceção; o tema Os Sentimentos do Envelhecimento não subdividiu-se; o tema Classificações Etárias e Valores Atribuídos possui dois subtemas: Diálogo Intergeracional e A Imagem da Juventude; e o tema (Não) Identificação com o Movimento Feminista, envolve: Pautas Específicas das Mulheres Mais Velhas e A Falta de Representação na Esfera Pública.

Figura 1 - Mapa temático



3.1 Trajetória Profissional

Ocupação profissional

O trabalho é um importante núcleo que define o sentido da existência humana. Trata-se de um constructo que “ocupa um inegável espaço na existência do ser humano. Coloca-se entre as atividades mais importantes, constituindo-se como a principal fonte de significados na construção da vida de todos” (Zanelli & Silva, 1996, p.18).

Nas últimas décadas do século XX, presenciou-se um dos fatos mais marcantes na sociedade brasileira, que foi a inserção, cada vez mais crescente, da mulher no campo do trabalho, fato este explicado pela combinação de fatores econômicos, culturais e sociais. Quando questionadas sobre suas profissões, cargos ocupados e os papéis que desempenharam ao longo das suas carreiras, as entrevistadas exaltaram a conquista que foi poder trabalhar fora de casa.

“... uma coisa que favoreceu muito a mulher foi o trabalho fora de casa. A mulher antigamente casava, se desse certo ou não, ficava casada até o fim, não se separava porque não tinha onde cair morta. E tinha os filhos todos para criar...” (S.C.)

Ciampa (1999) afirma que é pelo agir, pelo fazer, que alguém se torna algo. Nas vivências analisadas, o sucesso e a satisfação no trabalho reafirmam o senso de identidade e trazem o reconhecimento social.

“...todos esses trabalhos foram muito significativos para mim. Me realizaram como mulher (...) acho que esse caminho foi o mais bonito que fiz na minha vida...” (J.C.)

“... pra mim, trabalhar foi uma abertura pessoal grande, tive muitos ganhos, porque me deu uma visão de mundo e de homem muito transformadora da concepção que eu tinha, não é?...” (B.S.)

Embora tenham conseguido transpor algumas barreiras para conseguirem desempenhar as profissões que escolheram seguir, essas mulheres ainda enfrentaram alguns obstáculos. Com a entrada das mulheres no mundo do trabalho e as revoltas sociais para a igualdade social, esperava-se que a discriminação sexual da mulher desapareceria (Nogueira, 2006). Entretanto, isso não aconteceu, e as idosas reconheceram discriminações no trabalho:

“... era um departamento que basicamente só tinham homens (...) era muito limitada a minha atuação. Eu não me sentia à vontade estando ali sozinha

como mulher (...) me afastei porque foi como profissional local onde eu tive menos vitórias, principalmente porque na equipe só era eu de mulher.” (T.S.)

“... tinha distinção, sim! (...) de mulher, só tinha eu e outra colega, então a gente não era ouvida, quando a gente opinava alguma coisa, parecia que ninguém estava escutando, eles sempre tinham a decisão na mão...” (B.S.)

É importante ressaltar que apesar dessas mulheres terem iniciado no mercado de trabalho há, pelo menos, 3 décadas, essa realidade não mudou muito. A experiência da mulher no campo laboral vem sendo acompanhada, ao longo desses anos, por elevado grau de discriminação, não só no que tange à convivência com colegas de trabalho do sexo masculino, mas também na qualidade das ocupações que têm sido criadas tanto no setor formal como no informal do mercado de trabalho, mas principalmente no que se refere à desigualdade salarial entre homens e mulheres. Além disto, muitas mulheres sentem ainda grandes níveis de conflito entre as esferas familiar e profissional, considerando simultaneamente a necessidade da aprovação familiar e as consequências que as características do trabalho têm na gestão do papel familiar (França, 2012). Para muitas, um dos objetivos centrais associados à carreira é conseguir alcançar um equilíbrio entre o trabalho e a vida fora dele, sendo que este equilíbrio é mais pretendido no caso das mulheres (Sturges, 2008).

“... eu tinha receios (...) em relação a coordenar as atividades domésticas (...) e pra mim foi muito difícil conciliar as tarefas de mãe com os 3 empregos...” (T.S.)

O IBGE (2010) identificou que uma das razões para o rendimento menor das mulheres é a dupla jornada feminina.

“... tinha as coisas de casa para fazer e ainda quis trabalhar fora (...), mas deram conta! E não ficaram mais escravas dos homens. Podiam falar, tinham voz e tinham opinião nas coisas que antes não tinham...” (S.C.)

As mulheres que sentem alto conflito entre família e trabalho, não conseguem gerir com sucesso ambas as atividades, seguindo uma perspectiva tradicional de gênero. Assim, se sacrificam as responsabilidades familiares pelo investimento no trabalho não cumprem uma das suas obrigações; se privilegiam a sua família e não investem na carreira tanto como desejavam, não ficarão satisfeitas com esse facto (França, 2012).

“... eu me aposentei e parei realmente de trabalhar porque não dava mais pra conciliar, eu até tentei fazer o curso (...), mas pra mim ficava muito difícil ir porque meus filhos, na época, eram crianças ainda (pausa), aí eu pensava: trabalhar o dia todo, sair daqui de caminhão, e quando voltar, ter que

trabalhar de novo em casa... eu não ia aguentar, aí optei por me aposentar mesmo e dar assistência aos meus filhos...” (E.A.)

Persiste, ainda, uma visão tradicional dos papéis de gênero. As mulheres sentem que o trabalho de cuidador/a das crianças e as atividades domésticas ainda obedecem às linhas tradicionais, o que as conduz a realizar grande parte dessas tarefas (Cornelius & Skinner, 2008).

“... sempre tive uma vida agitada, com seis filhos pequenos, tinha que acordar cedo, arrumar os meninos para ir pro colégio, meu marido levar, eu correr pro lado de cá (...) não era fácil, mas eu conseguia conciliar...” (M.L.)

A entrada das mulheres no mercado de trabalho levantou um conjunto de questões relacionadas com a gestão dos tempos entre responsabilidades profissionais, domésticas e familiares (Perista, 2002). Todas as mulheres analisadas fizeram pontuações acerca da jornada contínua de trabalho, que corresponde a uma acumulação das suas atividades profissionais com o trabalho doméstico. Alguns relatos traduzem um tipo de constrangimento pessoal e profissional que afeta, sobretudo, as mulheres.

“... era tudo muito corrido, tinham dias que eu me culpava muito por não estar com eles [filhos], principalmente nos dias que eu dava plantão...” (B.S.)

Ter flexibilidade para combinar as exigências do lar e do trabalho é um fator importante, particularmente para as mulheres. Os exemplos das participantes ilustram bem como as barreiras contextuais, em concordância com os papéis de gênero, podem constituir-se como um obstáculo ao desenvolvimento de suas carreiras. O papel da mulher na família e na sociedade ainda é recorrentemente muito voltado para as atividades domésticas. De acordo com Perista (2002), a progressiva aproximação dos padrões de participação de homens e mulheres no mercado de trabalho é uma evolução em que não se tem verificado, de modo equivalente, a participação dos homens na esfera doméstica.

Reforma

Para Magalhães et al. (2004), a participação em atividades sociais parece não ser tão importante no estabelecimento da identidade ou status social, quanto o trabalho. Zanelli e Silva (1996) argumentam que o ser humano transforma e é transformado pelo trabalho, impondo assimilações em aspetos fisiológicos, morais, sociais e económicos. O trabalho se configura, portanto, como uma esfera essencial na vida da pessoa, por isso, a decisão de desvincular-se da vida produtiva tende a gerar temor, pois a aposentadoria é capaz de

provocar mudanças importantes na vida das pessoas, em especial quando os vínculos estabelecidos são profundos.

“... o trabalho, para mim, foi um mundo maravilhoso. Então, quando você se aposenta, é muito dolorido, porque você rompe, praticamente com todos do seu cotidiano...” (M.L.)

“A vida de aposentada é a pior coisa que existe no mundo (...) a vida ativa é outra coisa. Você ocupa sua mente. Você é independente financeiramente. Você tem mais amigos. Participa mais da vida. Então hoje a gente se sente assim como um pássaro fora do ninho. Sempre dependendo dos outros. Não é a vida que escolhi para mim. Vai perdendo a graça.” (J.C.)

O afastamento do trabalho ocasionado pela aposentadoria gera sentimentos ambíguos: crise: pela recusa em aceitar a condição de aposentado, devido à imagem estigmatizada vinculada à inatividade que tal condição confere; e liberdade: sentimento resultante da busca pelo prazer em atividades de lazer e concretização de planos anteriormente impossíveis de se realizarem pelo compromisso/obrigação de trabalhar (Santos, 1990).

Marques (2011) destaca que em termos gerais, parece existir uma representação mista das pessoas idosas que incorpora tanto traços negativos como positivos. Nesse sentido, observa-se que a reforma pode ser um bom para se dedicar a novos projectos, com mais tempo livre, ou ser um momento de perda da atividade laboral, da identidade profissional ou mesmo de afastamento dos colegas de trabalho.

“... como eu trabalhei muito, eu queria compensar a mim com viagens...” (T.S.)

“... eu procurei preencher o meu tempo, inclusive com coisas que eu não tinha condições de fazer antes, porque trabalhava o dia inteiro.” (S.C.)

De acordo com Zanelli e Silva (1996), a aposentadoria pode ser vista como prêmio, argumentam um júbilo, uma recompensa aos esforços depreendidos ao longo da carreira, possibilitando a concretização de planos ou sonhos protelados por muito tempo.

“A diferença é que hoje tenho condição de fazer as minhas escolhas. Continuo trabalhando como aposentada (...) a diferença é que não estou submetida às amarras institucionais (...) estou satisfeita, porque só faço o que me causa bem-estar, mas preciso fechar alguns círculos para realizar meus projetos de aposentada, principalmente os relativos as viagens.” (M.B.)

Xavier (2004) percebe a aposentadoria como um momento de mudança, e a forma como ela se estabelece, é consequência tanto da maneira como o sujeito organizou a vida, quanto da importância dada ao trabalho e aos vínculos sociais.

“... eu nunca tive medo de me aposentar (...) o facto de não trabalhar mais não me causou muito impacto, porque eu acho que foi uma coisa eu fui me preparando pouco a pouco...” (S.C.)

3.2 Relações familiares

Os dados obtidos demonstram que a família se constitui em suporte fundamental no contexto do envelhecimento. A presença da família foi destacada pelas participantes como um celeiro em que ancoram as suas vidas, sendo expressão de apoio fundamental e de valorização da afetividade de pessoas significativas à mulher idosa:

“... minha relação com a minha família é ótima. Eu amo a minha família, os meus familiares, e me sinto amada por eles (...) então é uma relação muito boa. (...) eu acho que isso é o âmago da questão, conviver com quem a gente ama, aprender a respeitar as diferenças (...) e quando a gente vai envelhecendo, vai precisando mais uns dos outros...” (S.C.)

“... a minha família é muito importante pra mim, hoje eles são minha base de sustentação...” (B.S.)

Restrições na família de pertença

Quando questionadas sobre como caracterizariam o papel da mulher na sociedade quando eram mais jovens e atualmente, as idosas se descreveram face a estes valores e papéis sociais com narrativas marcadas por muitas restrições na família de pertença.

“Antes, para a gente trabalhar fora assim, era muito castigada pela família, meu pai principalmente. Quando eu arranjava um emprego para trabalhar junto com homem, em ambientes mistos, ele ficava super contrariado (...) nunca desisti de nada na minha vida em função de opinião dos outros (...) pois eu sabia que na minha velhice eu ia encontrar comigo mesmo...” (J.C.)

“... o ponto mais desafiante foi transpor os medos e as barreiras do machismo na minha própria relação conjugal.” (M.B.)

Esta adoção dos papéis desempenhados por homens e mulheres é aprendida na socialização, principalmente no seio familiar, sendo neste contexto que os determinados papéis sociais são encarados como pertencentes a cada um dos sexos, demarcando as diferenças de personalidade entre homens e mulheres (Amâncio, 1994).

“Fiz o concurso escondida de meu pai (...) ele ficou super contrariado, mas não teve outra opção, eu já tinha decidido...” (J.C.)

Percebe-se que estas influências podem atuar como barreiras, na medida em que são capazes de desencorajar a pessoa a seguir determinados interesses (Swanson & Woitke, 1997). O conceito de barreira como obstáculo é particularmente útil para compreender as desigualdades relativas às mulheres, normalmente associadas ao significado social do gênero e a sua ligação a papéis específicos (cf. Nogueira & Saavedra, 2007).

“... a faculdade já fiz depois de viúva, meu marido não deixava de jeito nenhum. Eu queria fazer medicina em Maceió (...), mas ele nunca admitiu. Com ele, eu nem trabalhava e nem estudava, aí quando ele morreu foi que eu comecei a refazer a minha vida. É por isso que eu nunca mais quis casar, pra me sentir livre...” (J.C.)

Ainda no sentido da autopercepção, a narrativa a seguir abraça a ideia de que a atitude que a mulher tem a si mesma, molda a forma como a sociedade a vê:

“Eu sempre digo em casa “olha, lá em casa quem mais apanhou fui eu” (...), mas eu nunca deixei de fazer o que eu gostava (...) eu tenho esse jeito assim, eu não me dobro. Ninguém me dobra (...) e assim minha vida deu certo...” (E.A.)

Debert, Simões e Henning (2017), apontam que na velhice, os controles sobre a mulher seriam afrouxados, posto que ela já não deteria a função de procriação e, mesmo nas sociedades em que são elas as transmissoras de herança, o controle sobre a mulher seria sempre maior ao longo de sua vida jovem e adulta que na velhice. Mesmo que esse controle já não seja tão acentuado, verificou-se que ainda há evidência da sua existência:

“... tem filho que não deixa a mãe se maquiar. Teve um caso [no ambiente de trabalho] de uma idosa que levava tudo na bolsa, para só se arrumar quando chegasse, porque o filho não gostava que ela se pintasse, que ela se arrumasse (...) então infelizmente ainda tem muita proibição, e a gente tem que ir aos poucos mudando essa realidade...” (M.L.)

Para além das restrições e do veto a autonomia diante das próprias vidas, essas mulheres também tinham as obrigações impostas relativamente as atividades domésticas, que sempre foram uma responsabilidade particularmente feminina.

“...era obrigação fazer e os pais cobravam, não é?! Principalmente numa casa como a minha que tinha 14 filhos. 8 homens. E homem não faz nada (...) tudo tinham que ser as mulheres pra fazer...” (J.C.)

“... antigamente um homem jamais ajudava dentro de casa, os homens não participavam, não é?! Só davam as ordens e definiam as coisas (...) a mulher antigamente tinha o papel de fazer tudo...” (S.C.)

A visão tradicional de gênero atribui estatutos diferentes ao homem e à mulher, tendo o primeiro um estatuto mais elevado e sendo encarado como principal fonte de rendimento da família, enquanto a segunda é relegada para o papel de cuidadora (Gaunt, 2013). As narrativas aqui analisadas evidenciam que ao falarmos sobre cuidados da pessoa idosa que são atribuídos a família, aqui, “família” é um eufemismo para mulher, que é quem normalmente assume o papel principal de cuidador informal.

“... eu tenho uma irmã que tem Alzheimer. Outro irmão é diabético, e aí eu diminuí as tarefas pra dar assistência a esses familiares...” (T.S.)

Alguns estudos, como o de Camarano & Pasinato (2004) e Hirata & Guimarães (2012), evidenciam as mulheres idosas enquanto aquelas que demandam cuidados, tanto do ambiente doméstico quanto do Estado, mas também como aquelas que continuam a se responsabilizar pelas tarefas de cuidado. Ao passo que a mulher vai envelhecendo, novas formas de cuidado vão sendo demandadas dela, como por exemplo, o cuidado com os netos e com a saúde do cônjuge.

“... N. [marido], também começou a precisar mais de mim, aí agora tem isso também, cuidando e fazendo parte do processo dele...” (E.A.)

Muitas vezes, com a justificação de, nesta fase da vida, terem mais tempo por causa da reforma, as mesmas mulheres que já perceberam como negativa a atribuição das tarefas domésticas a si, se encontram mais uma vez neste papel, mas atualmente, para elas, isto aparentemente tem outra conotação.

“... e eu curto meus netos, três passam o dia comigo (...) e tem um que mora comigo. Então é muito boa a experiência de ser vó, de dar um apoio aos filhos (...) hoje eu estou muito mais disponível, porque antes eu não tinha essa disponibilidade de cuidar (...) eu resolvo problema da casa, se tiver que fazer feira, não tenho problema, não tenho nenhuma limitação, então eu faço tudo...” (M.L.)

“... hoje eu passo o dia cuidando da casa, dos netos, do marido, passo meu tempo inventando coisa para fazer dentro de casa, antes eu não conseguia ter esse tempo todo...” (B.S.)

Rede de apoio na velhice

Ter uma rede de apoio, sobretudo na velhice, é muito importante, já que esta cumpre a função de proporcionar confiança, companhia e orientação. Além de ajuda instrumental nas atividades de vida diárias da pessoa idosa, auxilia ainda no suporte emocional e na

assistência em caso de doença, por exemplo. Uma rede de apoio representa, para Cobb (1976), suporte social, que pode ser definido como a “informação que conduz o indivíduo a acreditar que é estimado, valorizado e parte integrante de uma rede de comunicação e obrigação mútuas” (Cobb, 1976, p. 300).

As pessoas idosas possuem a tendência a perceberem como apoio social a demonstração de carinho, interesse, escuta, ter uma união ou casamento, dividir coisas materiais, dar auxílio econômico, demonstrar aceitações, sentir-se amado, demonstrar opiniões mediante comportamentos, fazer parte de ações de convivência na comunidade e ver os amigos Barrón (1996). Ao serem questionadas sobre suas redes de apoio, as participantes mencionaram apenas o suporte informal.

“... eles [filhos] cuidam muito de mim. Tem cuidados comigo, não é?! E eu conto com a amizade, com a estima da família (...) eles me ajudam, me acompanham nos médicos. Eu conto muito com eles...” (T.S.)

“Eu tenho minha filha, tenho minhas duas netas. Tenho muitos amigos, graças à Deus. Sempre tenho alguém para me ajudar quando preciso.” (J.C.)

Weiss (1974), assinala funções equiparadas, mediante as relações de apoio social, as quais estão relacionadas com a estima, a integração social, a ligação, os laços de confiança, oportunidade de sentimentos positivos e orientação.

“Me considero autônoma e independente, mas sempre compartilho situações e recorro as pessoas, quando preciso da solidariedade, opiniões, conselhos e o apoio, de filhos, parentes próximos e amigos íntimos (...) a participação da minha família se dá com zelo e cautela (...) quando sentem que preciso de ajuda, procuram me acompanhar, se reversando entre eles...” (M.B.)

Em alguns relatos obtidos, evidenciou-se que a ausência de suporte familiar se configura como um marco que define negativamente a experiência da mulher idosa, roubando dela, inclusive, o prazer de viver e lançar expectativas para sua vida. De acordo com Debert (2013) essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria marcada por uma série de eventos associados a perdas, como o abandono pelos filhos adultos.

“... eu ainda tenho autonomia, mesmo assim tem coisas que a gente queria que fosse diferente (...) eu queria ter mais a presença deles, mais aconchego, mesmo assim eu procuro me equilibrar (...) eu sinto, tenho sentimentos, fico triste. Eu choro, eu reclamo comigo mesma, às vezes eu desabafo sozinha.” (B.S.)

“... representa um peso, não é?! A família vê como um peso, e a gente fica assim, pensando: a pessoa deu a vida pelo filho. Dedicou uma vida para os filhos, e é tratada assim...” (M.L.)

A narrativa a seguir contradiz o que alguns autores, mais otimistas frente ao envelhecimento das mulheres, sugerem que a velhice feminina seria mais suave que a masculina, na medida em que os vínculos afetivos entre filhos e mães seriam mais intensos, sugerindo que estes estariam mais dispostos a cuidar de suas mães.

“... eu acho que toda mãe sonha que no futuro vai ser tudo mais fácil, que vai ser uma maravilha, mas tem muitas barreiras, não tem sido como eu quis (...) existem muitas falhas, não sei se a questão é por serem todos homens (...) gostaria que nos desse mais atenção (...) quando dão [atenção], é como se estivessem fazendo um favor...” (E.A.)

3.3 Autoimagem e a visão dos outros

Estereótipos sociais

Apesar dos estereótipos negativos e das desvantagens associadas a velhice serem amplamente difundidos, como afirma Reis (2012, p. 114), “é de seres humanos que estamos tratando”. São “pessoas que dedicaram suas vidas, suas atividades laborais e culturais, suas relações afetivas e amistosas a construção, manutenção ou transformação da sociedade” (Reis, 2012, p. 114).

Os estereótipos levam a associação de uma série de aspectos negativos e, conseqüentemente, desintegram a pessoa idosa, uma vez que traçam um movimento contrário à socialização da gestão da velhice ocorrendo uma reprivatização dessa gestão. Essa exclusão, que é simbólica, dos estereótipos de que todo velho é igual, de que todo velho é gagá, de que todo velho não tem qualquer poder. Condenados na escuridão, nas trevas, nos confins das suas vidas miseráveis. A exclusão que, muitas vezes, é institucional (Brasil, 2010, p.16).

“... a sociedade ainda tem uma visão distorcida, “ah, você envelheceu, não serve pra nada, é só pra ficar em casa”, e há muito sofrimento em relação a isso (...) não é porque eu estou com 70 anos que eu estou alheia da realidade, que eu não tenho noção das coisas...” (B.S.)

“... a gente tem que destruir esse mito que envelhecer é doença (...) que é ruim, que envelhecer é um prejuízo. Não, gente! (...) muitas vezes, o idoso é visto como uma coisa que não serve mais, que não tem mais importância pra sociedade...” (M.L.)

Ainda no que se refere aos estereótipos sociais, quando questionadas sobre que imagem, ou de que forma, acham que a sociedade descreveria a mulher idosa atual, as entrevistadas relatam considerar ter havido alguma mudança na postura das mulheres mais velhas de antes e nas mulheres mais velhas dos tempos atuais.

“Não existe um modelo nem uma receita, ou forma, para descrever a mulher idosa atual. Estamos presenciando um avanço significativo em torno da questão do envelhecimento que permite um novo olhar para a pessoa idosa de maneira geral...” (M.B.)

“... não é como uma idosa do tempo antigo que ela ficava muito bloqueada (...) as de hoje são bem diferentes. A gente já vê as mulheres de idade, grupos de terceira idade, viajando, se comunicando, fazendo festas (...) Houve muitos avanços, não foi?! (...) as de hoje são muito independentes. A maioria trabalhou, tem o valor da sua aposentadoria que é o que torna a mulher mais dependente. Não fica dependendo dos filhos...” (J.C.)

O conceito de gênero é atribuído à construção social e diferencia mulheres de homens sendo socialmente esperado que homens e mulheres adotem comportamentos diferentes e assumam papéis sociais distintos (Nogueira & Saavedra, 2007). Indagadas se consideram que de alguma forma ainda se mantém papéis tradicionais associados ao que significa ser homem e ser mulher, demonstraram sua percepção no seguinte sentido:

“... na minha época eu tinha muito esses entraves, esses "não podes". Era tudo muito assim, lugar de homem, lugar de mulher, que ainda hoje tem, não é?! Mas antigamente era muito mais...” (S.C.)

“... é impressionante como ainda existe. Mulheres independentes financeiramente e profissionalmente e se submetem ao machão (...) hoje as mulheres jovens também se submetem a essas pequenas atitudes de machismo. E são pessoas que são independentes financeiramente. Tem um nivelamento escolar, mas depende da autoridade do marido. Ainda existe.” (T.S.)

A perspectiva dos papéis sociais advoga que há uma construção social do gênero, sendo esses papéis, crenças bastante consensuais acerca dos atributos das mulheres e dos homens. Mais ainda, esses atributos são encarados como sendo normativos e as tendências comportamentais normalmente associadas a cada sexo, e são tidas como desejáveis (Eagly & Karau, 2002).

“(...) hoje tem havido muitas mudanças na condição da mulher com relação às do passado, como resultado de muitas lutas, principalmente as desencadeadas pelos movimentos feministas (...) hoje são poucos os papéis tradicionais que se mantém como privativo da mulher ou do homem (...) para mim, é uma questão cultural de formação e educação de homens e mulheres.” (M.B.)

“Eu acho que com a evolução do tempo, as mulheres estão mais livres e decididas, mas ainda tem algumas que não tem tanto discernimento (...), mas eu acredito que a maioria hoje já seja livre, a mulher antes não podia nada. A mulher só era pra ser mulher...” (E.A.)

Autopercepção

Quando provocadas a pensar como se percebem enquanto mulher e enquanto mulher mais velha, e como descreveria a sua transição para a terceira idade, não pestanejaram, foram enfáticas nas suas respostas, demonstrando estarem atentas e conectadas com as realidades que estão a viver.

“Como mulher mais velha não é uma coisa muito boa não (risos) (...) como mulher, eu tenho muito orgulhar de ser e ter sido a mulher que eu fui. Porque eu sempre lutei pelo que eu quis e nunca me dobrei a vontade de ninguém (...) satisfiz as minhas vontades...” (J.C.)

Erikson (1963 cit. in Sneed & Whitbourne, 2005) percebem a felicidade e o bem-estar como resultado da superação das diferentes crises com as quais os indivíduos se vão confrontando ao longo do seu desenvolvimento. A oitava e última crise proposta pelo autor consiste na capacidade da pessoa idosa olhar para o passado e conseguir enquadrar positivamente os sucessos e os fracassos, tendo em conta que se trata de um conjunto de eventos normativos e não-normativos a vários níveis (psicológico, biológico e social) que se desenrolaram ao longo de uma vida, que moldam a personalidade e o self e que se enquadram numa determinada cultura com estereótipos próprios (Sneed e Whitbourne, 2005).

“... ultrapassei barreiras para as conquistas que tenho hoje (...) estou feliz, eu tive muitas realizações (...) então, não lamento a perda...” (T.S.)

“... eu acho que todas as fases foram boas. Eu tenho muito o que agradecer (...) já não faço a mesma coisa que fazia antes, com a mesma facilidade, mas eu nunca deixei de fazer aquilo que eu tinha vontade...” (E.A.)

3.4 Os sentimentos do envelhecimento

Para Neto (1999, p. 298) “as pessoas idosas são mais heterogéneas que qualquer outro grupo etário”, isto porque cada uma delas incorpora em si mesma um percurso de vida particular marcado por um conjunto de memórias, emoções e papéis diferenciados que se revestem de um carácter altamente subjetivo. Ao falarem sobre os seus sentimentos com

relação ao processo de envelhecimento, cada uma um dessas mulheres tentou traduzir racionalmente aquilo que sentem com relação a sua transição para esta etapa da vida. Apesar de terem trajetórias diferentes, e seus discursos serem únicos, observou-se questões, preocupações e sentimentos em comum.

“... a vida pesa, o envelhecer vai trazendo limitações que vai lhe restringindo muita coisa...” (B.S.)

“... o lado ruim foi as doenças que a gente vai sendo acometida na idade (...) tudo é mais grave (...) é muito mais dependência. Coisa que eu nunca gostei de ser. Então pra mim o mais frustrante foi a dependência.” (J.C.)

Entretanto, observou-se que apesar das limitações impostas pelo envelhecer, esse processo também pode ser considerado positivo, de bem-estar e prazer.

“A expectativa de futuro que tenho é muito pontual: viver o hoje como se fosse o último dia de minha vida (...) sempre encarei o envelhecimento como uma fase privilegiada da vida (...) tudo é possível fazer, dentro das minhas condições.” (M.B.)

“... na verdade, [envelhecer] é um privilégio, porque você ao envelhecer, vai acumulando muito mais conhecimento, mais sabedoria, não é!? Nem todo mundo tem essa felicidade de envelhecer, e envelhecer com saúde...” (M.L.)

Valorizando a saúde preservada, as mulheres percebem-se passíveis de ter uma vivência de lazer, mas com alguma necessidade de cuidado. As idosas enfatizam diversas atividades nesse campo, traduzindo um olhar dinâmico e ativo para o processo do envelhecimento:

“... participo de um clube de idosas que se chama Clube da Melhor Idade, fazemos viagens, passeios, festas...” (E.A.)

“... mantenho algumas atividades acadêmicas, atendendo a convites (...) a diferença é que hoje tenho condição de fazer as minhas escolhas...” (M.B.)

Dentre as expectativas relatadas pelas mulheres para a velhice, destaca-se o ideal de manter-se saudável ou, pelo menos, da melhor maneira que têm condições para afastar a possibilidade de doenças incapacitantes que possam acometê-las. Através dos depoimentos, observa-se que a presença de doenças altera o cotidiano dessas mulheres.

“... eu tenho pressão alta. Tenho problemas de tireoide. Estou fazendo agora uma revisão da vista. Já estou cansada da mente. Já estou perdendo o foco (...) estou cancelando as minhas viagens por conta do caminhar (...) já começa a aparecer os sintomas que eu estou tentando prevenir. Vou fazer o que for preciso para retardar...” (T.S.)

“... eu estou muito parada. Só viaja para negócio de tratamento (...) não faço mais nada. Só médico, hospital e laboratório...” (J.C.)

Habitadas a mudanças drásticas em seu organismo e em sua capacidade física, as mulheres teriam mecanismos que lhes permitiriam enfrentar melhor as transformações que ocorrem com o avanço da idade (Debert, Simões & Henning, 2017). Para Zimerman (2000), um dos principais fatores do envelhecimento saudável é a capacidade de ajustamento e resiliência.

“... as limitações físicas vêm com o tempo. Então a gente tem que aprender administrar (...) procuro respeitar as limitações que vão chegando e tentando me preparar para as que vierem...” (B.S.)

“... se adaptar! (...) tem a sua dificuldade, mas se a gente se propõe a enfrentar já é um primeiro passo, mas não significa que você não sofra (...) quando você entende que isso faz parte do viver, fica mais suave...” (S.C.)

De acordo com Debert (2003) a passagem para a velhice, antes de ser contada pela referência cronológica, seria marcada por uma série de eventos associados a perdas, como o abandono pelos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade. As trajetórias das entrevistadas já foram marcadas por perda de entes queridos e separações.

“... as perdas mais significativas para mim foram as perdas afetivas, não é?! (...) eu perdi grandes amigos pela morte, para mim foi muito difícil superar. Também fiquei muito perdida com a perda do meu avô materno (...) foi muito difícil eu lidar com essa perda. Quando eu perdi meus pais, eu já estava mais amadurecida (...) mas realmente é muito difícil...” (T.S.)

“... a separação também foi um desafio muito grande, muito (...) foi uma fase difícil, claro, muito difícil (...) é a vida, pronto. Mas foi uma fase muito difícil...” (S.C.)

3.5 Classificações etárias e valores atribuídos

Diálogo intergeracional

É imprescindível pensar no modo como se deve responder as demandas da população idosa. A longevidade, cada vez mais expressiva, nos sugere urgência na busca por adequação. Debert (1999) afirma que a reflexão sobre a relação entre as idades e as gerações pode oferecer para a compreensão da especificidade da experiência contemporânea. Ao serem perguntadas como percebem atualmente o diálogo entre as

gerações e se consideram esse diálogo importante em algum sentido, as participantes relatam:

“... eu acho que nem existe, na realidade (...) a gente tem que começar a educar os filhos, os netos, mas não basta. A gente tem que discutir isso nas escolas... (...) a gente tem que estudar essa questão intergeracional...” (M.L.)

“Precisamos estimular esse diálogo, mas está muito difícil disso acontecer. Muito longe (...) o próprio município sem se preocupar com a questão (...) muitas vezes vemos esse diálogo acontecer não por ideologia, mas por necessidade mesmo. Por exemplo, os avós que são responsáveis por cuidar dos netos enquanto os filhos trabalham. Há esse convívio e diálogo mais frequente entre as gerações, mas por uma necessidade...” (T.S.)

É importante destacar que não é qualquer tipo de contacto que favorecerá a aproximação das diferentes gerações e tudo o que se pode realizar a partir dessa aproximação. O diálogo intergeracional não envolve somente o aspeto da diferença de idades, deve considerar também os estilos de vida, o saber, os valores, a memória, com intuito de viabilizar uma relação de troca entre as distintas gerações.

“Eu acho muito importante [o diálogo intergeracional] (...) acho que se a gente associasse a experiência do idoso com a atitude do jovem, muita coisa boa poderia sair dessa parceria...” (J.C.)

“... eu acho que se os jovens fossem educados para aprenderem a conviver com as diferenças e não desprezar as pessoas na medida em que vão envelhecendo, tudo poderia ser melhor...” (S.C.)

Nesse contexto é que se insere a proposta de romper os preconceitos presentes na visão estereotipada da velhice, favorecendo uma aproximação entre os grupos etários e, a partir do convívio entre gerações distintas, prevalecer-se das possibilidades que um grupo intergeracional tem capacidade de gerar e causar um impacto positivo na organização e no desenvolvimento social.

A imagem da juventude

Quando se questionou qual a visão das idosas sobre a valorização atribuída à juventude, à jovialidade, ao “ser jovem”, e se consideram que essa valorização pode ter algum impacto sobre as pessoas mais velhas, elas responderam no seguinte sentido:

“A gente vê que é uma contaminação. Até idosos, não é? Eles participam dessa propaganda jovial (...) o idoso que vai imitar o jovem, eu acho que é não aceitar a sua condição de idoso. Querer mostrar que é jovem pela aparência

(...) é querer ser mais jovem pela estética e não vai mudar nada biologicamente...” (T.S.)

“... a gente vê que muita gente adulta, quando chega certa idade já se sente ameaçada pelo envelhecimento. Não aceita nem dizer a idade. E então ela se submete a todas as estéticas para ficar mais jovem, para ficar mais bonita, sem aceitar o envelhecimento. Eu acho que é um vazio que ela está procurando preencher...” (B.S.)

“Eu sou muito relaxada com essas coisas [risos]. Esse negócio de você querer ser, de aparentar ser jovem de qualquer maneira, eu não vejo como uma coisa muito boa...” (S.C.)

Apesar de não se sentirem afetadas por essa tendência atual de valorização da aparência jovem e não se perceberem nessa busca incessante para corrigir os efeitos da idade, as idosas trouxeram em suas respostas observações a respeito de quem se submete às imposições estéticas. Ao falarem sobre como percebem esta tensão para manter a jovialidade entre os homens e entre as mulheres, as participantes revelaram acreditar que os homens estão cada vez mais interessados no assunto, se revelando tanto quanto ou mais vaidosos do que as mulheres costumariam ser.

“... os homens atualmente estão nessa. A gente vê a preocupação, não é a maioria, muitos ainda tem preconceito, mas a gente já vê que os homens hoje vão pra academia, vão pra pedicure, podólogo, vão para a estética. Muitos por correção, assim, da barba e tudo, mas para se cuidar. Eu acho que é menor o número, mas eles já estão competindo com as mulheres.” (T.S.)

“... acho que ambos estão mais vaidosos, mas eu diria que os homens avançaram muito nesse tema, é perceptível. Você logo nota isso na aparência deles mesmos. Fazem botox, implante de cabelo. Não é mais como antigamente, que se nascesse feio tinha que ficar feio mesmo, não é?! [risos] (...), mas realmente as coisas estão diferentes, antes para mostrar pro povo que era homem, que era machão, mantinham o jeito de ogros, não é?! Hoje não... eles querem ser bonitos. Querem chamar atenção...” (J.C.)

Constata-se ainda que as construções e práticas discursivas encaram a mulher como ser frágil e sujeita a corresponder aos padrões impostos, como a contínua aprendizagem da sexualidade e a idealização da aparência (Magalhães, 2011). A autora afirma que essas formulações sociais restringem os papéis possíveis e evitam a emancipação das mulheres, devendo estas procurar melhorar as imperfeições quanto à sexualidade relativamente ao dominante masculino (Magalhães, 2011).

“Uma das obrigações que impõem a mulher é ser arrumada. Uma obrigação da mulher é estar na moda, não é?! Então ainda tem isso, homens que se cuidam exigem também que a mulher mantenha seus cuidados...” (T.S.)

Observa-se ainda, que a juventude perde conexão com um grupo etário específico e se transforma em valor, que deve ser conquistado através das inúmeras oportunidades que o mercado dispõe para encobrir e disfarçar o declínio inevitável do corpo.

“Eu acho que é bom se sentir bem, se sentir bonito tudo vale (...) todo mundo deveria fazer isso, se manter jovem, com aparência jovem (...) isso só pode fazer bem, não é?! Mal não vai fazer. Se pode, faça! (risos)...” (J.C.)

3.6 (Não) identificação com o movimento feminista

Nos discursos das idosas analisadas, percebe-se um envolvimento com participação, direta ou indireta, na mobilização de mulheres com reivindicações feministas:

“Participei de Congressos, Seminários, Conferências, entre outros eventos (...) Me coloco como parte desse processo, pois tive que vencer muitos obstáculos desafios para assumir meu papel de mulher, mãe e trabalhadora na sociedade...” (M.B.)

“... eu já participei de algumas manifestações, sim. Mais nova, quando comecei a trabalhar, a gente fazia movimentos. Íamos para a porta do Palácio [do governo] gritar e reivindicar os nossos direitos. Íamos para a porta da Assembleia [Legislativa] (...) buscávamos salário equiparado (...) ora, se nós tínhamos a mesma qualificação profissional para desenvolver o trabalho (...) por que o nosso salário era “lá embaixo” e o deles não?...” (J.C.)

“... sempre apoiei, e a minha própria atividade me envolveu muito com o movimento feminino, não é?! Com os problemas da mulher. A sexualidade da mulher (...) então, pelo meu trabalho, eu fui feminista...” (M.L.)

Quando questionadas mais diretamente se identificam-se com os valores feministas, de igualdade de gênero:

“... acredito que a igualdade de gênero deva passar pelo direito e respeito, em que ambos tenham as mesmas condições de oportunidades e de participação política, econômica e social...” (M.B.)

“... eu me identifico com os valores feministas. Eu acho que a mulher tem que ter a independência dela para não ficar submissa ao homem... a mulher era subjugada... eu acho que esses movimentos fazem parte da evolução, sabe?! Porque se não houver isso, talvez a coisa não “deslanche”...” (B.S.)

Essas afirmações confirmam o que também foi possível perceber ao longo dos demais temas analisados, as histórias dessas mulheres se entrecem com o movimento feminista.

Nessas narrativas, contata-se o reconhecimento e a identificação frente a esses valores, mas sobretudo por terem ao longo do seu processo de desenvolvimento, cada uma dentro de um contexto e da maneira como podiam, irem contra as imposições do patriarcado.

Pautas específicas das mulheres mais velhas

Quando questionadas se, enquanto mulher mais velha, sentiam-se representadas pelo movimento feminista, isto é, se imaginam ter lugar de fala nas lutas feministas contemporâneas:

“... eu olho e vejo que os temas das manifestações não são mais temas atuais na minha vida, mas não é por isso que esses movimentos não fazem sentido, fazem sim! Continuam fazendo! Mas eu tenho também observado um certo exagero, e eu acho que o exagero é que pode ser prejudicial...” (B.S.)

“... me identifico até um certo ponto. Acho que saí do 8 para o 80, mas a gente tem que aprender a conviver, a aceitar. Você pode até achar que é uma coisa errada, mas não é o que está acontecendo? (...) às vezes eu acho que há exagero na forma como se manifestam hoje em dia, então não me reconheço sempre, mas tenho que entender e aceitar as novas proposições...” (S.C.)

Mesmo quando afirma se identificar, faz menção a pautas que fizeram parte da sua jornada enquanto mulher mais jovem:

“Me identifico com todas as pautas, porque nós vivemos anteriormente nessa luta. Por melhores dias, por mais oportunidades, mais valorização. Tudo isso eu acho que vale a pena...” (J.C.)

Contata-se, portanto, que, muitas vezes, as mulheres que construíram esta jornada de lutas e que hoje são idosas, não se veem representadas nas pautas feministas contemporâneas. As mulheres idosas são um grupo populacional em expansão no Brasil e no mundo, mas apesar disso, observa-se que o foco do movimento feminista está direcionado às pautas relacionadas às mulheres jovens. Estas pautas são bandeira de lutas de todas as mulheres, mas precisam ser estendidas às lutas das idosas.

Quando indagadas sobre quais suspeitas tinham para que as vivências e as experiências de mulheres mais velhas não estarem presentes nas pautas feministas atuais, algumas idosas atribuíram essa ausência como uma das consequências dos estereótipos sociais, como observa-se aqui:

“... eu acho que é aquilo que falamos antes, as pessoas não são habituadas a pensar nos mais velhos, parece que é uma realidade muito distante ser idoso,

então não pensam, não procuram entender nossas questões pra fortalecer nossas lutas também...” (B.S.)

“... a gente vê tanto descaso por aí e ninguém diz nada, ninguém faz nada... a mulher, coitada, já sofre desde sempre, então na velhice é que ninguém dá atenção mesmo, não quer saber (...) acho que é aquela história de acharem que já não temos serventia, sabe?! Que não prestamos pra nada...” (E.A.)

Questionadas sobre quais elementos das vivências específicas das mulheres com idade mais avançada, deveriam ser incluídos nas pautas feministas e ter destaque, ressaltaram:

“... as experiências de vida (...) que podem socializar as vivências (...) como exemplo para as novas gerações. É o resgate que se faz necessário para que a história não seja perdida.” (M.B.)

O contexto de experiência das mulheres idosas insere-se como fundamentador de uma possibilidade de que o diálogo geracional pudesse despertar ideais que representassem avanços no tocando as causas particulares das mulheres mais velhas.

“Tantas coisas que fica até difícil listar... eu acho que a grande questão é lutar pelo menos para termos o básico respeitado, nós já temos leis específicas para a questão do idoso, mas muito do que foi garantido não é real ainda (...) das mulheres mais velhas (...) acho que nós temos muito o que colaborar, inclusive com as próprias feministas que estão aí na rua manifestando, nós poderíamos endossar o caldo dessas lutas, nossas experiências servem pra alguma coisa...” (B.S.)

A problemática que nos guia aqui diz respeito a uma possível despolitização das mulheres idosas enquanto sujeitas detentoras de direitos e, conseqüentemente, a ausência de um debate sobre gênero junto a este grupo específico bem como sobre as implicações das hierarquias de poder (Scott, 2005). Sobre a falta de espaço e voz dentro do próprio movimento feminista, acrescentam:

“... não é porque eu já lutei muito que não tenho pelo que lutar mais (...) não é porque eu sou idosa que eu me desligue da realidade do que eu estou vivendo. Independente da idade, eu sou um agente de transformação (...) eu tenho sim que participar da mudança que a gente quer...” (M.L.)

“... tem muitas mulheres que são figuras antigas e que nos representaram com muita luta para conseguir certos objetivos, que até hoje deveriam ser lembradas. E as lutas delas foram muito maiores, porque era numa época de repressão, muita repressão. Então eu acho que tudo isso que o movimento que está acontecendo hoje pode se espelhar nelas também, porque elas fizeram muito pra que isso funcionasse e fosse evoluindo.” (J.C.)

A partir das narrativas, foi possível observar que essas mulheres não se sentem incluídas verdadeiramente no movimento feminista contemporâneo. Seus discursos revelam que

não possuem lugar de fala enquanto mulher mais velha dentro do movimento, além disso, suas falas sugerem um tipo de discriminação etária, que reforça os estereótipos sociais atribuídos a imagem da mulher idosa.

A falta de representação na esfera pública

Debert (2011) afirma que faz parte do movimento de socialização da velhice o que denominou de processos de reprivatização, que transformam a velhice em responsabilidade individual e, nestes termos, ela poderia desaparecer do nosso leque de preocupações sociais.

“... o idoso nunca foi visto (...) então eu sinto que não houve interesse dos políticos nessa categoria (...) eu acho que o idoso também não se envolveu no movimento. Ele como idoso. Apesar de que a gente vê que houve muitos movimentos em relação à sindicatos, sabe? (...), mas isso é específico em relação a categoria trabalho, mas o movimento do idoso em si, eu acho que está muito longe de ser visto com respeito e cumprimento na esfera pública...”
(T.S.)

No âmbito da esfera pública, apesar das Leis previstas de proteção ao idoso, ainda restam algumas perguntas que não foram respondidas. Quem promoveria e defenderia os direitos da pessoa idosa? A quem caberia zelar pela aplicação das normas sobre o idoso, determinando ações para evitar abuso e lesões a seus direitos? A questão vai além: Como pode a injustiça, a desigualdade e a privação sentida pelas mulheres idosas e cuidadoras, ser aliviada? Onde estão os recursos para a mudança? A observação permite evidenciar que as mulheres idosas possuem necessidades próprias que precisam ser mais bem compreendidas, para serem mais bem trabalhadas.

“Oportunidade para que elas trabalhassem como uma pessoa qualquer. Porque muitas mulheres velhas são experientes, muito capacitadas, e poderiam fazer muitas coisas pela humanidade. Não é porque a mulher se aposentou que não serve mais... até a hora de morrer ela pode ser uma pessoa muito nobre...” (E.A.)

As narrativas acima chamaram atenção pelo discurso na terceira pessoa, e sobre isso, Weiss & Lang (2009) afirmam que percepções negativas em relação à velhice podem desenvolver no indivíduo uma necessidade de afastamento face ao seu grupo etário como forma de proteção contra estereótipos etários. Porém, conforme descrevem Weiss & Freund (2012) o indivíduo desenvolve também a tendência para evitar e combater as

possíveis perdas. Sobre o envolvimento e a representação da pessoa idosa na esfera pública, continuam:

“Atualmente não há propostas reais de apoio as causas do idoso nem por parte da federação, nem do estado, e nem do município, não há uma proposta política de suporte a essa geração. Muito embora que a gente já tenha alguns políticos que se interessa pelo assunto. Temos um ou outro personagem interessado, que embora a gente saiba que estão mesmo é querendo conquistar votos, mas já abre espaço para as nossas questões. É um pequeno espaço que a gente tem, mas isso concretamente em relação ao número de idosos, em relação ao número de famílias, é nulo ainda.” (T.S.)

“... é difícil conseguir movimento dessa classe, provocar essa mudança. Mas eu acredito na juventude de hoje, por isso que eu acho que nossa ação básica seria investir nesse diálogo intergeracional. Porque esperar mobilização dos idosos de hoje, eu acho difícil viu. Aqui ainda se vota em coronel. É muito difícil a gente quebrar essa cultura, mas eu acredito nas próximas gerações...” (T.S.)

“... precisamos nos apegar com o Estatuto do Idoso, para nos espelhar nele e a partir daí pensar em como planejar políticas públicas para atender nós idosos em particular, mas antes o básico precisa funcionar...” (B.S.)

No Brasil, os espaços garantidos por Lei nos Conselhos Federativo, Estadual e Municipal do idoso, dependem dos incentivos nos espaços organizados dos idosos, como por exemplo, associações do idoso. Através das respostas obtidas, que se trata da realidade do Estado de Alagoas, foi possível identificar que a participação dos mais velhos em espaços sociopolíticos tem sido precária, pela pouca motivação do próprio idoso e de poucos incentivos à sua organização pelos gestores e sociedade civil.

“... o idoso pode participar de uma reunião como cidadão, ele tem que participar pra gente ter um seguimento. Então se não tem uma associação de idoso, o conselho [Conselho Estadual do Idoso] não vai ter nunca um idoso, entendeu? Pode ter uma pessoa idosa por uma questão de ser um professor, um diretor de escola, mas não como representante da categoria... então a gente tem muito desafio. Na minha concepção, um desafio é esse: organizar o idoso...” (M.L.)

“... não existe um movimento voltado para o idoso. Na LBA (Legião Brasileira de Assistência), nós criamos as associações de idosos em cada bairro (...) vieram os mais espertos, os cabos políticos e os políticos e deturpam a ação, que era para ser voltada a autonomia dos idosos (...) nós íamos para dar valor a pessoa idosa, incentivando autonomia, independência. A gente estava criando um grupo, uma associação, levando pra eles construir um estatuto, mostrando os caminhos, mas uma pessoa pediu a nossa saída (...) porque uma instituição não queria a autonomia dos idosos, eles queriam continuar só dando a sexta básica deles...” (T.S.)

A contenção em programas sociais federais e a transferência de recursos na balança econômica agrava ainda mais a situação.

“Nós temos aqui, em Alagoas, 33 ILPIs (Instituição de Longa Permanência). Nenhuma é do estado, nenhuma é do município. Todas são particulares, filantropia, de igrejas. Isso já demonstra o descaso e a falta de políticas públicas. Esses problemas precisam de respostas...” (M.L.)

“O que me amedronta são as políticas do governo que já tiraram 50% do meu salário. Ainda vem uma reforma administrativa. Eles estão querendo tirar o salário. Então minha maior preocupação no envelhecimento é a perda financeira (...) você conta com aquele recurso e, de repente, uma brincadeira deste governo tira o que é nosso, que foi garantido, que foi trabalhado...” (T.S.)

“O que é negativo nessas nossas lutas são as questões políticas né? Que deixam de financiar alguns projetos. Isso gera ainda mais dificuldades...” (J.C)

Ao longo dessa nossa análise, constatou-se como as políticas públicas direcionadas às mulheres e às pessoas idosas ainda são permeadas por questões retrógradas, que visam apenas a saúde, em função do adoecimento pela velhice, de forma a pouco evidenciar as demais demandas e direitos humanos deste segmento da população. Não se pensa em como fomentar formas de participação política, geração de renda e emprego, entre outros temas de relevância. Com uma realidade ainda distante de ter o “básico” de facto, garantido, a situação das mulheres idosas continua silenciada mesmo em documentos e políticas que deveriam almejar e ampliar formas mais democráticas para todas as mulheres.

É preciso que existam previsões institucionais que assegurem que suas vozes também serão ouvidas. É necessário ampliar o que se entende por democracia e igualdade, incorporando as mulheres idosas de forma que as políticas públicas possam também ser construídas partindo de uma realidade que as cercam, que apesar de parecer muito subjetiva, contém problemas que precisam de soluções objetivas e eficazes. É necessário pensar e formular propostas para além das tradicionais direcionadas ao cuidado com o adoecimento em função da velhice e saúde, abordando questões relacionadas à garantia de renda mínima, oportunidades de (re)ingresso no mercado de trabalho, programas educacionais, lazer, abandono, solidão, e, conseqüentemente, formas de melhorar as condições de vida (Salgado, 2002).

Neste sentido, é preciso ressaltar que não se pode transferir a responsabilidade do envelhecimento, exclusivamente, para as famílias, muito menos para o indivíduo que envelhece. O envelhecimento não é problema de “um”, é uma realidade social.

“não se pode atomizar este fenômeno demográfico. Não é a dona Maria do Bairro X, da família tal que envelhece, é a população como um todo que envelhece. Nesse sentido, as respostas têm que ser dadas também no nível das políticas públicas, de programas governamentais que atendam à população idosa em sua complexidade social, cultural, geracional e de gênero” (Nascimento, 2001, p. 214).

3.7 Considerações Finais

O presente estudo buscou desenvolver, através das narrativas recolhidas, uma análise de gênero no processo de envelhecimento, descrevendo as vivências de mulheres +65 do estado brasileiro de Alagoas. A análise permitiu constatar que a passagem da mulher à velhice é marcada por uma série de eventos associados a perdas, entretanto, a ideia de um processo de perdas tem sido substituída gradativamente pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. Marques (2011) destaca que em termos gerais, parece existir uma representação mista das pessoas idosas que incorpora tanto traços negativos como positivos.

As participantes deste estudo trazem em suas bagagens uma diversidade de representações definidoras de uma trajetória de vida que se consagra na fase em que se encontram. Percebe-se que a participação da família é fator determinante em suas vivências. Os dados levantados apontam que essas mulheres, muito conscientes de si e de suas limitações, não se consideram velhas. Para essas mulheres, a velhice ainda não está referida à idade, mas à perda de autonomia e todas elas ainda se consideram independentes e autônomas, apesar de já sentirem indícios de comprometimento físico. Apesar de presarem pela autonomia, vivem em uma condição que as coloca, de algum modo, atreladas a outra pessoa. Para elas, nesta etapa da vida, o trabalho doméstico não se apresenta mais como um símbolo da opressão feminina, e poder realizá-lo é condição para a autonomia e independência que afastam os dramas de um corpo envelhecido. Vivenciam uma situação considerada privilegiada, se comparada a experiência de suas mães e avós, que viveram tempos de muita restrição até o fim das suas vidas. Liberadas das obrigações a que se submeteram quando mais jovens, consideram-se livres para a realização de um conjunto de atividades prazerosas, em um contexto marcado por

mudanças culturais, mas apesar dessas mudanças, sentem-se vítimas dos estereótipos sociais.

Com direitos não respeitados e estrutura de cuidado precária por parte do Estado, não se percebem como atoras sociais, assumindo sua não representação no Movimento Feminista e na esfera pública. Atualmente, o feminismo é um dos mais importantes movimentos políticos, entretanto, dentre as questões já abrangidas, as mulheres mais velhas ainda precisam assumir seu lugar de fala na afirmação de seu protagonismo no movimento feminista.

Cuidar das crianças, dos doentes e de pessoas idosas, foi sempre visto como trabalho das mulheres, e a nossa sociedade conta com as mulheres para carregar o fardo do não investimento em cuidar. Quais são as implicações desta tendência? Quem tem pensado sobre a qualidade de vida desta população em expansão de mulheres mais velhas? É necessário questionar as estruturas sociais e económicas e os processos que têm trancado as mulheres na nesses papéis sociais desfavoráveis a sua existência.

As subjetividades acessadas sugerem a confirmação da ideia de que a imensidão de questões atravessadas pelas mulheres no envelhecimento faz com que este processo, torne-se, realmente, uma questão particularmente feminina. O Brasil hoje é mais sensível aos problemas do envelhecimento, mas essa sensibilidade e atenção ainda não são suficientes. Na prática, o que vemos é uma precariedade dos mecanismos que dispomos para lidar com a velhice. O aumento da expectativa de vida é um ganho, um avanço, mas também tem se traduzido em perigo, em risco e ameaça à reprodução da vida social, principalmente para as mulheres.

É urgente a necessidade de entender o envelhecimento feminino na sua plenitude, bem como compreender, ampliar e viabilizar as várias formas de enfrentamento que podem auxiliar essas mulheres em suas demandas, tendo em vista o quão grave pode ser o silenciamento dessas questões e o apagamento social da população idosa.

Conclusão

O contexto de experiência das participantes apresenta-se como fundamentador de um aprendizado que envolve uma trajetória de vida que passa a ser percebida e analisada sob o prisma do envelhecimento. De modo geral, o processo de envelhecimento dessas mulheres pode ser visto como maioritariamente positivo. O que se observa é que o envelhecer lhes provoca uma análise comparativa com outras etapas da vida até a que se encontram atualmente. As participantes visualizam o momento vivido como uma fase em que a maturidade conquistada é vista como um valor, mas as consequências oriundas do processo de envelhecimento do corpo também são sentidas e fazem parte leque de preocupações, tais como as doenças crônicas e as limitações que surgiriam ou que podem surgir nesse período. Para além dos limites sentidos no corpo, evidenciou-se uma limitação social, relativamente a serem sujeitas de direito respeitados e a ocupação de papéis sociais, entretanto, ressaltam a importância da autonomia, que traduz a independência conquistada no passado e preservada ainda no presente.

Percebe-se que a ideia de um envelhecimento bem-sucedido que vem sendo difundida tem deixado de lado a necessidade de se falar sobre o que ainda não foi exposto em grandes dimensões, mas que é vivido pelas mulheres mais velhas. Continuar negando essa realidade é um reforço às formas de opressão. Entender e considerar a hipótese de organização do futuro da velhice feminina é cuidar para que todos caminhem em direção a um envelhecimento com qualidade. É necessário ampliar o que se entende por democracia e igualdade, incorporando as mulheres idosas de forma que as políticas públicas possam também ser construídas partindo de uma realidade que as cercam, que apesar de parecer muito subjetiva, contém problemas que precisam de soluções objetivas e eficazes. É preciso que existam previsões institucionais que assegurem que suas vozes também serão ouvidas.

No que concerne às limitações desta investigação, cumpre relatar que a pandemia da COVID-19 influenciou o processo de construção deste trabalho, tendo em vista que inicialmente as entrevistas seriam presenciais e com um maior número de participantes, além disso, seriam realizadas mais cedo, alargando o tempo disponível para o desenvolvimento do estudo. Por essas razões, considera-se que alguns elementos não foram aprofundados como teria sido desejável. Apesar disso, julga-se fundamental não

deixar de parte nenhuma informação que as idosas forneceram, assumindo a perda de profundidade nalgumas temáticas específicas.

Relativamente a estudos futuros, para abranger outras realidades, propomos um alargar da população alvo, abrangendo mulheres de classes e contextos sociais distintas. Pretende-se com este estudo, atender ao facto que o contexto e o estatuto social de cada indivíduo condicionam as suas experiências e significações (Tajfel & Turner, 1978). Para evidenciar as diferenças vividas por homens e mulheres na velhice, seria interessante também um olhar para representações de homens mais velhos sobre suas experiências de envelhecimento. Por isso, se demonstra a necessidade de mais investigações com homens e mulheres com idade avançada, de diferentes estratos socioeconómicos, casados, solteiros ou viúvos, morando sós, com cônjuge ou familiares. Desta forma, seria possível fazer uma análise mais ampla sobre as experiências de envelhecimento e significações da velhice.

Considera-se que os objetivos definidos inicialmente para a presente investigação foram alcançados. Espera-se que os resultados desta investigação possam contribuir para que a atenção à mulher idosa seja legitimada pela escuta qualificada de suas demandas, considerando as singularidades inscritas na vivência da mulher nesta fase da vida, pois como indica Nogueira (2001, p. 242),

“enquanto não se olhar para o género como uma relação social, em vez de pólos de uma dicotomia de seres inerentemente diferentes, não seremos capazes de identificar a variedade e a limitação de poder das mulheres, e de homens, e a opressão existente em sociedades particulares”.

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta, Lisboa.
- Amâncio, L. (1994), *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*, Porto: Afrontamento.
- Berger, P. & Luckmann. T. (1973) *A Construção Social da Realidade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Bosi, Ecléa. (1979). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: SP Editora Schwarcz.
- Brasil - Ministério da Saúde; Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Monitoramento e Avaliação da Gestão do SUS (2004). *Painel de indicadores do SUS: 2 - Saúde da Mulher*. Brasília: SUS.
- Brasil (1994). *Lei no. 8842/94*. [Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências]. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos.
- Brasil. (2003). Lei No 10.741 - Estatuto do Idoso. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso em 10 de agosto de 2021.
- Braun, V. & Clark, V. (2006). Using thematic analysis in Psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3. 77-101.
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. Los Angeles: Sage Publications.
- Burr, V. 1995. *An introduction to social constructionism*. London: Routledge.
- Butler, J. P. (1998). Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. *Cadernos Pagu*, 11, 11-42.
- Butler, J. P. (2017). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Camarano, A. A., & Pasinato, M. T., (2004). *O Envelhecimento Populacional na Agenda das Políticas Públicas, Relatório preparado pelo Conselho Econômico e Social*

para o comitê preparatório da Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

- Ciampa, A. C. (1999). Identidade. In, S. T. M. Lane, & W. Codo (Orgs.) *Psicologia Social: o homem em movimento* (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.
- Cobb, S. (1976). Social Support as a Moderator of Life stress. *Psychosomatic Medicine*, 38(5), 300-314.
- Cornelius, N., & Skinner, D. (2008). The careers of senior men and women – A capabilities theory perspective. *British Journal of Management*, 19, 141-149.
- Da Motta, A. B. (2010). A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Soc. estado*. 25(2), 225-250. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000200005>.
- Da Motta, A. B. (1999). As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos pagu*, 13, 191-221.
- Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprimitização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp.
- Debert, G. G. (2011). Metamorfoses da Velhice. In Botelho, A., & Schwarcz (orgs) *Agenda brasileira – temas de uma sociedade em mudança* (pp.542-553). São Paulo: Companhia das Letras.
- Debert, G. G. (2013). Feminismo e velhice. *Sinais Sociais*, 8 (22), 9-86.
- Debert, G. G., & Henning, C.E. (2015). Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *MAIS 60 – Estudos sobre Envelhecimento*, 26(63), 8-31.
- Debert, G. G., Assis Simões, J., & Henning, C. E. (2017). Entrelaçando gênero, sexualidade e curso da vida: apresentação e contextualização. *Sociedade E Cultura*, 19(2), 4-12. <https://doi.org/10.5216/sec.v19.48680>
- Di Lascio, M. C. G. (2019). O feminismo e a mulher idosa. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-feminismo-e-a-mulher-idosa/>. Acesso em 05 de agosto de 2021.

- Dunst, C. J., & Trivette, C. M. (1990). Assessment of social support in early intervention programs. *Handbook of early childhood intervention* (pp. 326–349). Cambridge: Cambridge University Press.
- Eagly, H., & Karau, S. J. (2002). Role congruity theory of prejudice toward female leaders. *Psychological Review*, 109(3), 573-598.
- Fernandes, H. J. (2007). *Solidão em Idosos no Meio Rural*. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Idoso, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23698/2/88950.pdf>.
- Fernandes, L., & Carvalho, M. C. (2000), Por Onde Anda o que se Oculta: o Acesso a Mundos Sociais de Consumidores Problemáticos de Drogas através do Método do ‘Snowball’”, *Toxicodependências*, 6(3), 17-28.
- Fontanella, B. J., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: Contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17–27.
- França, L. H. (2002). *Repensando a aposentadoria com qualidade: Um manual para facilitadores de programas de educação para aposentadoria em comunidades*. Rio de Janeiro: Centro de Referência e Documentação sobre Envelhecimento, Universidade Aberta da Terceira Idade- UERJ.
- França, T. (2012). Women and labor market: Work family conflict and career self-management. *Revista Pensamento & Realidade*, 27(4), 51-70.
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In, M. W. Bauer, & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp.64-89). Petrópolis: Vozes.
- Gaunt, R. (2013). Breadwinning moms, caregiving dads: Double standard in social judgments of gender norm violators. *Journal of Family Issues*, 24(1) 3-24.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de empresas*, 35(3), 57-63.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, 5, 7-41.
- Hemmings, C. (2005). Telling Feminist Stories. *Feminist Theory*, 6(2), 115-139.

- Hirata, H.; Guimarães, N.A. (Org.). (2012). *Cuidado e cuidadoras: As Várias Faces do Trabalho do CARE*. São Paulo: Atlas.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2010). *Primeiros resultados do censo 2010*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acessado em 08 de agosto de 2021.
- Lloyd-Sherlock, P. (2002). *Ageing, development and social protection: a research agenda*. Madrid: Unrisd International Conference.
- Magalhães, M. O.K., et al. (2004). Padrões de ajustamento na aposentadoria. *Revista Aletheia*, 19 (jan./jun), 57-68.
- Magalhães, S. I. (2011). *Como ser uma Ragazza. Discursos de sexualidade numa revista para rapariga adolescentes*. Tese de doutoramento em Psicologia, Escola de Psicologia da Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Marques, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Disponível em <http://doi.org/324625/11>.
- Minayo, M. C. S., & Sanches, O. (1993). Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity? *Cad. Saúde Públ*, 9(3): 239-262.
- Nascimento, M. B. (2001). Feminização do envelhecimento populacional: expectativas e realidades de mulheres idosas quanto ao suporte familiar. In: Wong, Laura L. *O envelhecimento da população brasileira e o aumento da longevidade* (pp. 191-218). Belo Horizonte: ABEP.
- Neto, F. (1999). As Pessoas Idosas São Pessoas: Aspectos Psico-Sociais Do Envelhecimento. *Psicologia Educação e Cultura*, 3(2), 297-322.
- Nicolaci-da-Costa, A. M., Romão-Dias, D., & Di Luccio, F. (2009). Uso de entrevistas on-line no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22 (1), 36-43. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100006>
- Nogueira, C. (2001). Feminismo e discurso do gênero na psicologia social. *Rev. Psicologia & Sociedade*, 13(1), 107-128.
- Nogueira, C. (2006). Os discursos das mulheres em posições de poder. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 9(2), 57-72.

- Nogueira, C., & Saavedra, L. (2007). Estereótipos de género: Conhecer para os transformar. In AUTORIA, *A dimensão de género nos produtos educativos multimédia* (pp. 11 – 30). Lisboa: Ministério da Educação - Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Pateman, C. (1993). *O Contrato Sexual*. (Tradução M. Avancini). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Patton, M. Q. Michael (1990). *Evaluation & Research Methods*. Califórnia: SAGE.
- Perista, H. (2002). Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens. *Análise Social*, XXXVII (163), 447-474.
- Pimentel, L. (2001). *O lugar do idoso na família: Contextos e trajectórias*. Coimbra: Quarteto.
- Portal do Envelhecimento. (2019). *Brasil*. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/estudos-sobre-a-velhice/> Acesso em: 10.07.2021.
- Reis, A. M. A. L. dos. (2012). *A Animação Sociocultural na terceira idade. Um estudo de caso no lar de Nossa Senhora da Conceição Vidago*. Dissertação de mestrado, Universidade de Trás-os-Montes. Disponível em https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/2547/1/MsC_amal_reis.pdf. Acessado em 29 de julho de 2021.
- Ribeiro, D., Nogueira, C., & Magalhães, S. I. (2021). As ondas feministas: Continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. *Sul-Sul Revista de Ciências Humanas e Sociais*, 1(3), 57-76. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/780/989>. Acesso em 28 de Setembro de 2021.
- Salgado, C. D. S. (2002). Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 4, (pp. 17).
- Santos, M. F. S. (1990). *Identidade e Aposentadoria*. São Paulo: EPU.
- Sarmiento, R. (2016). Análise de enquadramento e teoria feminista: discutindo implicações metodológicas. In, AUTORIA, Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política. Rio de Janeiro: ABCP.

- Schiebinger, L. (2001). *O feminismo mudou a ciência?* Bauru: EDUSC.
- Scott, J. W. (2005). O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, 13(jan./abr), 11-30.
- Simões, J. A. (1998). A maior categoria do país: o aposentado como ator político. In: M. M. Barros (Org). *Velhice ou terceira Idade: estudos antropológicos sobre identidades, memória e política*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas.
- Sneed, J. R., & Whitbourne, S. K. (2005). Models of the aging self. *Journal of Social Issues*, 61, 375-388.
- Sturges, J. (2008). All in a day's work? Career self-management and the management of the boundary between work and non-work. *Human Resource Management Journal*, 18(2), 118-134.
- Swanson, J. L., & Witke, M. B. (1997). Theory into practice in career assessment for women: Assessment and interventions regarding perceived career barriers. *Journal of Career Assessment*, 5(4), 443-462.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In T. Postmes & N. R. Branscombe (Eds.), *Rediscovering social identity* (pp. 173- 190) New York: Psychology Press.
- Tap, P. (1985) *Masculin et Féminin chez l'Enfant*. Toulouse: Privat.
- Touraine, A. (1986). "Prefácio". In: GUILLEMART, A. M. *Le déclin du social: formation et crise de politiques de la vieillesse*. Paris, PUF.
- Veras, R.P., & Oliveira, M.R. (2016). Linha de cuidado para o idoso: detalhando o modelo. *Rev. bras. geriatr. Gerontol*, 19(6), 887-905.
- Weiss, D., & Freund, A. M. (2012). Still young at heart: Negative age-related information motivates distancing from same-aged people. *Psychology and Aging*, 27(1), 173–180. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0024819>. Acessado em 05 de outubro de 2021.
- Weiss, D., & Lang, F. R. (2009). Thinking about my generation: Adaptive effects of a dual age identity in later adulthood. *Psychology and Aging*, 24(3), 729–734. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0016339>. Acessado em 05 de outubro de 2021.

- Weiss, R. (1974) The Provisions of Social Relationships. In: Rubin, Z., Ed., *Doing unto Others* (pp.17-26), Prentice Hall, Englewood Cliffs.
- Weiss, R. (1974) The Provisions of Social Relationships. In: Z. Rubin (Ed.), *Doing unto Others* (pp. 17-26). Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Xavier, A.A.P. (2004). Aposentadoria: período de transformações e preparação. *XXIV Encontro Nacional de Engenharia de Produção do ENEGEP*. Disponível em: <<http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/ARTIGOS/69.pdf>>. Acesso em 15 setembro 2021.
- Xavier, A.A.P. (2004). *Aposentadoria: período de transformações e preparação*. In: *XXIV Encontro Nacional de Engenharia de Produção do ENEGEP*, Disponível em: <http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/ARTIGOS/69.pdf>. Acessado em 10 de agosto de 2021.
- Zanelli, J. C., & Silva, N. (1996). *Programa de Preparação para Aposentadoria*. Florianópolis: Insular.
- Zimmerman, G. (2000). *Velhice: Aspectos Biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Anexos

Anexo 1. Guião De Entrevista

Percurso Profissional

1. Em termos profissionais, qual é a sua ocupação? Ainda a mantém, continua ativa?
2. Como avalia essa sua carreira pessoal? Acha que havia ou há alguma distinção entre mulheres e homens nessa função? (Se sim: Como reage, como se sente face a isso?)
3. Que principais diferenças (se alguma) considera existir entre essa vida sua mais ativa e a sua vida atual (aposentada)?
4. Diria-se satisfeita com as atividades que tem atualmente?

Ambiente familiar

5. Como geria, em casa, as principais ocupações domésticas? Ainda mantem essas atividades?
6. E que relação mantem com a família? Mantem pessoas próximas? Quem?
7. E como acha que essas pessoas a descreveriam ou caracterizariam (atualmente)?
8. De forma global, considera-se uma pessoa autônoma e independente ou vê alguma área específica onde o apoio destas pessoas mais próximas é bastante necessário?
9. Na nossa perspectiva o envelhecimento é um processo contínuo que se acentua a partir do meio da vida. Como percebe a participação da sua família neste seu processo de envelhecimento?
10. E, pessoalmente, como se percebe enquanto mulher e enquanto mulher mais velha?
11. Como descreveria a sua transição para esta etapa da vida?
12. E de forma mais global, que imagem, ou de que forma, descreveria a mulher idosa atual? Acha que os outros, família e amigos, a vêem dessa forma? Como acha que a percebem ou caracterizariam?

Expectativas

13. Quais eram ou quais são as suas expectativas para este período de vida? O que mais a surpreendeu pela positiva e pela negativa? E por quê?
14. Como tem sido para si este processo de envelhecimento?
15. Consegue identificar ao longo da sua vida, os pontos mais positivos e os mais desafiantes (alguma perda significativa)?

Relação entre as gerações

16. Como percebe atualmente o diálogo entre as gerações? Considera esse diálogo importante? Em que sentido?
17. Qual a sua visão sobre a valorização atribuída à juventude, à jovialidade, ao ser jovem? Considera que essa valorização pode ter algum impacto sobre as pessoas mais velhas? (Que tipo de impacto? Por quê?)
18. Qual a sua opinião sobre o recurso a procedimentos para manter a jovialidade e um aspecto mais jovem (por exemplo, procedimentos estéticos)?
19. Como percebe esta tensão para manter a jovialidade para os homens e para as mulheres?
20. Acha que de alguma forma ainda se mantem papéis tradicionais associados ao que significa ser homem e ser mulher?
21. Como caracteriza o papel da mulher na sociedade quando era mais jovem e agora? Tem sentido mudanças neste aspecto?
22. Ao longo da sua vida, como se descreveria face a estes valores e papéis sociais?

Movimento Feminista e Representação social

23. Relembra algum momento em que participou, direta ou indiretamente, na mobilização de mulheres com reivindicações feministas?
24. Pessoalmente, identifica-se com estes valores feministas, de igualdade de gênero? Porquê?
25. E enquanto mulher mais velha, se identifica com as pautas feministas contemporâneas? Sente-se representada?

26. Que fatores acha que explicam que as vivências e experiências de mulheres mais velhas não estejam mais presentes nas pautas feministas atuais?
27. Que elementos das vivências específicas das mulheres mais velhas acha que deveriam ser incluídos nas pautas e ter destaque?

Finalizar

28. Como se sentiu durante a entrevista?
29. Gostaria de acrescentar mais alguma informação?

Anexo 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

No âmbito da realização da Dissertação de Mestrado, em Temas de Psicologia – Eixo Gerontologia, onde se pretende olhar as vivências de mulheres mais velhas (65+) quanto à sua (não) identificação com o movimento feminista brasileiro, da estudante Maria Mariana Gaia de A. M. Dias solicitamos a sua colaboração através da resposta a uma entrevista.

Pedimos ainda a sua permissão para que a mesma seja gravada de forma a que seja possível uma posterior transcrição dos dados. Dada a natureza académica do presente trabalho, garantimos que os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para fins de investigação. Garantimos ainda que as gravações serão destruídas após transcrição das entrevistas e anonimização da sua participação.

Salvaguardamos assim a total confidencialidade das participantes e o seu anonimato, e recordamos que a participação é totalmente voluntária podendo desistir a qualquer momento e sem qualquer repercussão.

Poderá, a qualquer momento, entrar em contato com a equipa de investigação (através do contato +55 82 99948-6150) caso deseje que as suas respostas não sejam incluídas no estudo. Poderá ainda usar o mesmo contato se desejar ter acesso aos elementos produzidos pela investigação no final da mesma.

Agradeço a sua disponibilidade e colaboração,

Maria Mariana Gaia de A. M. Dias
Matrícula: up201900756

Local e data

Após a informação supramencionada, declaro que aceito participar na investigação apresentada e que consinto a gravação em áudio da mesma.

Nome e assinatura da participante

Data____/____/____